

GLAUCE DE SOUZA CAVALCANTI

IDENTIDADES MEDIATIZADAS

O papel das viagens na constituição da subjetividade contemporânea

Rio de Janeiro – RJ

2008

GLAUCE DE SOUZA CAVALCANTI

IDENTIDADES MEDIATIZADAS

O papel das viagens na constituição da subjetividade contemporânea

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Pós-ECO/UFRJ), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed Elhajji
Área de concentração: Comunicação e Cultura

Rio de Janeiro – RJ

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

CAVALCANTI, Glauce de Souza.

Identidades midiaticizadas: o papel das viagens na constituição da subjetividade contemporânea. / Glauce de Souza Cavalcanti. Rio de Janeiro: UFRJ / Escola de Comunicação, 2008.

87 f.

Dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura – Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

Orientador: Mohammed Elhajji

1. Identidade. 2. Viagem. 3. Viajante. 4. Nomadismo. 5. Turismo. I. ElHajji, Mohammed (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

GLAUCE DE SOUZA CAVALCANTI

IDENTIDADE MEDIATIZADAS

O papel das viagens na constituição da subjetividade contemporânea

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Pós-ECO/UFRJ), como requisito para obtenção do grau de mestre em comunicação.

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 2008

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mohammed Elhajji
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Dra. Ieda Tucherman
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Márcio Gonçalves
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj)

A Alexandre, meu companheiro, porto seguro e maior incentivador.

A Daniela, que partilhou comigo o sonho, a viagem, as transformações e as descobertas que despertaram minha curiosidade para o tema desta pesquisa.

A Ana Marta, Hernani, Leonardo e Priscila, pelo carinho e apoio nesses anos em que os estudos acadêmicos roubaram-me um pouquinho do convívio familiar.

AGRADECIMENTOS

Imensos agradecimentos ao professor Mohammed Elhajji. Pela confiança em mim depositada, pelas esclarecedoras discussões em sala de aula e fora dela e, principalmente, pelo estímulo, meu sincero muito obrigada.

A Flávia Oliveira e Carla Lencastre, atual e antiga editoras, fundamentais para que eu tenha não apenas iniciado, mas chegado ao fim desta pesquisa.

A Atamirando, por me ajudar a enxergar os caminhos de minha viagem pela vida.

A Ana Marta e Hernani Cavalcanti; a Bruno Ribeiro, pelos e-mails enviados da África e que inspiraram questões levantadas nesta dissertação; a Nina Velasco Cruz, Ana Lúcia Borges e Maria Gabriela Delgado, por discussões e empréstimo de livros que constam da bibliografia desta pesquisa de mestrado; a Pedro Paulo Catarina, pelas preciosas orientações, a Gustavo Weber, pela revisão e a Paula Ferraz, amiga para todas as horas. Que o agradecimento a eles seja extensivo aos tantos amigos que, cada um a sua maneira, colaboraram para o bom andamento deste projeto.

Por fim, aos professores Nízia Villaça, Heloisa Buarque de Hollanda, Ilana Strozenberg, Beatriz Jaguaribe, Janice Caiafa e Milton José Pinto que nas discussões levadas em sala de aula colaboraram para o bom desenvolvimento da pesquisa que agora apresento.

RESUMO

CAVALCANTI, Glauce de Souza. **Identidades midiaticizadas: o papel das viagens na constituição da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Esta dissertação procura refletir sobre como as viagens e os diferentes perfis de viajantes na forma como se desenham na contemporaneidade influenciam a constituição da identidade do sujeito. A pós-modernidade reúne uma combinação de condições nunca antes experimentadas por outra geração. A globalização, com a quebra da barreira de espaço-tempo, das fronteiras socioculturais e a condição de incerteza permanente do indivíduo e seu tempo estão entre essas condições. É justamente o contexto de insegurança e a obrigação de se estar sempre em movimento que alimentam a formulação de novos tipos de viajantes e viagens. São mudanças profundamente ligadas ao processo de formação identitária, influenciadas ainda por fatores como o consumo, o multiculturalismo e o hibridismo, que colaboram para essa transformação. A definição de turista e vagabundo, proposta por Zygmunt Bauman (1998), como metáfora dos heróis e vítimas da pós-modernidade, funcionam como ponto de partida para a definição dos perfis e dos caminhos percorridos pelos novos viajantes descritos nesta pesquisa.

Palavras-chaves: Viagem. Identidade. Hibridismo. Nomadismo. Turismo.

ABSTRACT

CAVALCANTI, Glauce de Souza. **Mediatized identities: the role of travel in the constitution of contemporary subjectivity**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Pós-ECO/UFRJ), Rio de Janeiro, 2008.

This thesis proposes a reflection on how travel and different traveller profiles, as they appear in contemporary world, influence the constitution of individual identity. The postmodernity combines a variety of conditions never experienced before by any previous generation. And globalization and its consequent space-time and sociocultural borders compression is among these conditions. It has generated a scenario of uncertainty and, moreover, where individuals are forced to be in permanent movement. These factors have given birth to new kinds of travellers and travels. The changes discussed in this paper are deeply connected to the individual identity constitution process, also influenced by other factors such as consumption, multiculturalism and hybridism. All of those combined do collaborate to the transformation mentioned above. The definition of tourists and vagabonds, as the heroes and victims of postmodernity proposed by Zygmunt Bauman (1998), is used here as a starting point to identify the profiles and paths followed by the new travellers described in this thesis.

Key-words: Travel. Identity. Hybridism. Nomadism. Tourism.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. A história das viagens.....	17
2.1. A criação do hábito de viajar.....	17
2.1.1. Deslocamentos na Grécia e na Roma antigas.....	18
2.1.2. O recolhimento medieval.....	21
2.1.3. O mercador de luz e as viagens culturais.....	22
2.1.4. Novas tecnologias e a consolidação do turismo.....	23
2.2. Turismo com “T” de Thomas.....	25
2.3. Viagens nos séculos XX e XXI.....	28
2.3.1. Para além das guerras.....	29
2.3.2. O novo milênio.....	32
3. O cenário contemporâneo.....	34
3.1. A insegurança e o desencaixe voluntário.....	37
3.2. A alteridade.....	40
3.3. Viajante ou turista?.....	41
4. Viagens e consumo.....	44
4.1. Turistas e musealização.....	45
4.1.1. Mercadorização e reencantamento.....	47
4.2. Desaceleração e ritualidades.....	50
5. Viagens e identidade.....	54
5.1. O quebra-cabeça identitário.....	54
5.2. O hibridismo.....	56
5.3. O que levou a essa situação.....	58
5.3.1. A migração na pós-modernidade.....	60
6. “V” de viagem.....	62
6.1. Nomadismo e estrangeirismo.....	65
6.1.1. Verificando se a cor está lá.....	65

6.1.2. O estrangeiro bem-vindo.....	69
7. Na prática.....	74
7.1 Os jetrossexuais.....	74
7.1.1. A campanha da Virgin Atlantic.....	75
7.2. Combinando o híbrido e o extraterritorial.....	78
7.3. O Fórum Mundial de Turismo.....	80
8. Conclusão.....	82
9. Bibliografia.....	86

A hora do e-mail, aqui no 'exílio', é um momento importante. Ajuda a nos lembrarmos de nós mesmos, das coisas de nossas vidas que são suspensas mas que seguem acontecendo. Vi agora há pouco o e-mail da Gabi e fiquei emocionado. Sei lá, a materialidade de certas coisas que nos mostram claramente como o tempo passa a nossa volta. Neste sentido, viajar reúne um estado de coisas bem interessante. Tem uma coisa de relativização dos meios, de reforço ou perdição de nós mesmos. Enfim, muitas coisas acontecem, principalmente se ficamos diante de tamanhos contrastes. (RIBEIRO, Bruno. Luanda by air [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <glauce@oglobo.com.br> em 1º de out. 2003).

1. INTRODUÇÃO

O foco de minha pesquisa está em identificar de que forma as viagens e os perfis de viajantes – na maneira como se moldam na pós-modernidade, sob efeito das transformações trazidas pela globalização – influenciam a constituição da identidade do sujeito contemporâneo. Minha questão está em melhor compreender o cenário originado em uma época de características tão particulares e, no que toca o tema proposto por essa dissertação, inéditas. É fato que as viagens e os perfis de viajantes foram se redesenhando através das épocas, acompanhando as mudanças que a combinação de um conjunto de situações e transformações ocorridas nos mais diversos âmbitos, como social, econômico, político e cultural, desenhavam como cenário de cada período. Não por acaso, esta pesquisa tem início com um breve resumo dessa história. Nesses termos, seria coerente argumentar que a contemporaneidade é apenas mais uma época nessa linha do tempo de viagens, viajantes e formação de identidade. O que, em parte, não deixa de estar correto. O que me esforço para mostrar é que, diferentemente de épocas anteriores, a pós-modernidade trouxe mudanças nunca antes experimentadas por outras gerações. Ela inaugurou um contexto inteiramente distinto. A globalização trouxe uma alteração profunda à ordem mundial; criou uma nova ordem por assim dizer. E essa mudança teve reflexos na vida social cotidiana em todo o planeta, redesenhando a forma como o indivíduo vive e constitui sua identidade.

Com a globalização, em especial com o quase literal encolhimento do mundo pela supressão do espaço-tempo e a malha de transformações que reverberaram pelo globo – incluindo a expansão da rede midiática e de novas tecnologias, o capitalismo global, o multiculturalismo etc. –, cresceram as possibilidades de escolha sempre renovadas frente ao sujeito. Porém, embora este sujeito se veja agora diante de um mar de possibilidades a navegar, passou também a ter que lidar com um contexto de risco permanente, um contexto de insegurança. Esse mar a sua frente parece-lhe revoltoso e pede um esforço diário para permitir um mergulho em suas águas. Todo esse conjunto de mudanças fez do processo de constituição identitária um perene desenvolvimento, uma história sempre em construção.

Os conhecimentos e as referências do sujeito contemporâneo, sejam eles os mais específicos, tornaram-se, neste tempo, efêmeros. E estão em permanente processo de revisão ou derrubada. Daí a constituição de identidade desse indivíduo

ter passado a ser formulada a partir de um intenso e incessante processo reflexivo, combinando mudanças sociais e pessoais. A questão é que, não bastasse o esforço de enfrentar esse desafio, a maneira como se dá a negociação entre essas esferas varia conforme as condições reais que cada pessoa possui de transitar entre as duas, da habilidade e capacidade de se movimentar no jogo da contemporaneidade. De forma resumida, como define Zygmunt Bauman, o homem pós-moderno vive com o problema da identidade não-resolvido: “Os esforços para construção de identidade não dão conta de formatar as conseqüências trazidas pelo contínuo ‘desencaixe’ vivido pelo sujeito, de ‘deter o eu flutuante à deriva’”. (1998, p. 32).

É justamente a questão identitária uma das duas principais motivações que me levaram a observar profundas mudanças no perfil do viajante e a trabalhar para entender e descrever os novos tipos surgidos desse contexto. Minha curiosidade veio do fato de que essa experiência de ter que construir incessantemente uma identidade – o que pressupõe jamais constituí-la efetivamente, pois demanda permanente revisão – alterou a maneira como o indivíduo se desloca, seja em seu próprio país ou em outros. A mudança experimentada pelo sujeito transformou também sua forma de entender, buscar e fazer viagens. Desenharam-se tipos de viajantes muito específicos por esta época de características tão particulares. Para investigar e entender esses perfis, tomei como ponto de partida as definições de turista e vagabundo propostas por Zygmunt Bauman em “O mal-estar na pós-modernidade” (1998). Detive-me no primeiro dos dois personagens descritos pelo sociólogo polonês, para, a partir dele, descrever os perfis dos viajantes contemporâneos.

Uma série de perguntas se acumulavam no início dessa caminhada rumo à compreensão da proposta desta dissertação. O fato de as comunidades de hoje terem feito da contradição entre segurança e liberdade uma condição irreversível levou-me a questionar se, neste cenário, as viagens não passaram a funcionar como um canal para a experimentação de algo distinto a essa realidade paradoxal do sujeito. Será que as viagens se tornaram um remédio anti-cotidiano, seja para anestesiar momentaneamente o viajante contra os efeitos da rotina da qual tenta escapar ou para ajudá-lo a confrontar a instabilidade? Por que há pessoas que escolhem viajar como se não saíssem jamais do lugar e do contexto em que vivem? E por que outras viajam justamente para romper com seus lugares e contextos

originais? A viagem pressupõe efetivamente um processo de ruptura? Pode funcionar como um mecanismo voluntário de desencaixe?

Para responder a esses questionamentos, precisei examinar com maior cuidado o contexto da contemporaneidade, as novas dinâmicas que o integram, como o multiculturalismo e o hibridismo, os processos de mercadorização e musealização socioculturais. Além do conceito de nomadismo, que parecia dar pistas sobre o tal viajante que me parecia nunca sair de seu lugar. O importante é, para esta pesquisa, entender como os diversos encontros e desencontros proporcionados por uma viagem podem colaborar para a constituição da identidade do viajante.

Antes de avançar, porém, acredito ser importante esclarecer que, como mencionei anteriormente, tive duas grandes motivações para desenvolver este projeto. A primeira está descrita acima. A segunda veio justamente dos encontros e desencontros de minhas próprias viagens com meu processo de constituição identitária, numa dinâmica que costurou a integração de minhas trajetórias pessoal e profissional. Em 1997, ao concluir a graduação em jornalismo nesta mesma universidade em que agora apresento minha dissertação de mestrado, participei de um processo de seleção para uma vaga de repórter na sucursal carioca da Panrotas, editora paulistana especializada em turismo, que mantém entre suas publicações periódicas um jornal semanal e uma revista mensal. Depois de passar por entrevista e prova escrita e saber que profissionais com experiência na área haviam sido dispensados da seleção, acreditei estar fora do páreo. Ganhei a vaga. Logo, compreendi que meu currículo reunia uma combinação de formações que definiram a escolha. Aos 22 anos, eu viajara grande parte do Brasil; vivera em dois países e tinha fluência em três idiomas estrangeiros. Passei os nove anos seguintes como repórter na área de turismo, sendo os três primeiros na Panrotas Editora e os demais na “Revista Boa Viagem”, suplemento do jornal O Globo.

A semente para o questionamento que acabou por resultar nesta pesquisa fora plantada ainda antes disso, num período de estudos na França, pouco antes de concluir a graduação em Comunicação Social. Aconteceu que, a partir do meu retorno ao Rio, dei-me conta do imenso processo de transformação por que passara no período que estivera ausente de casa, da universidade, da família, dos amigos, da minha rotina anterior. Aconteceu que não encontrava mais o ponto certo para retomar os vínculos que mantinha com todos esses núcleos, tampouco comigo

mesma na pessoa que eu era antes de partir em viagem, embora eu tivesse feito tantas outras viagens antes daquela. Não parecia haver qualquer pista que me levasse de volta ao “fio da meada”. O que eu via, à época, era o arremate desse fio, uma costura terminada e que parecia me deixar do lado de fora do que, antes, era a trama de minha própria vida. Encontrar um novo fio para dar continuidade a essa trama foi uma tarefa solitária e que demandou combinar todas as transformações por que passara ao que deixara aqui anteriormente a minha partida e, àquela altura, também em Paris ao interromper um novo movimento, uma outra trama que começava a ser tecida. Para usar os termos em debate nesta dissertação, eu experimentava uma mudança radical em minha posição no jogo contemporâneo, em minhas desenvoltura e estratégia em campo.

Foi na nova caminhada profissional na cobertura jornalística em turismo que, de um lado, percebi o quanto toda a mudança que me esforçava para absorver me ajudara a conquistar uma mobilidade especial no jogo, naquele campo em que passara a transitar. O contato com tantas outras culturas e idiomas era como uma espécie de abre-portas para minha atividade profissional. De outro lado, foi também a reportagem na área que me apresentou o dilema de conciliar em uma única viagem o que, a meu ver, eram experiências distintas e, em tese, vivenciadas por tipos muito diferentes de viajantes. Para se escrever uma reportagem em turismo é preciso ter o olhar atento a locais, programas, hotéis e tudo o mais que atenda a diferentes perfis de viajantes. Curiosamente, essa tentativa de enxergar um lugar através de uma variedade de outros olhares, num esforço para captar o que chamaria a atenção de cada um deles, não era mais difícil do que ziguezaguear, eu mesma, entre diferentes perfis para chegar ao resultado pretendido nas reportagens. Com o tempo, descobri que era justamente esse processo de trânsito entre as escolhas dos diferentes tipos de turistas, do esforço de enxergar por outros olhos e da decisão de invariavelmente entregar-me às ruas e ao encontro das pessoas nos lugares por que passava que garantia um resultado de qualidade em reportagem. Era preciso saber o momento de aproveitar e desprezar as facilidades a mim garantidas ao chegar num destino na posição de repórter. E, sobretudo, driblar as adversidades, que não eram raras.

E foi assim que nasceu esta pesquisa, para entender e organizar em teoria e com maior abrangência o que experimentava de maneira particular na prática. Por isso, nas páginas desta dissertação, minha tentativa é a de entender como e quem

são as viagens e os viajantes desta época, respectivamente. E como os deslocamentos contemporâneos interferem na constituição de identidade do sujeito.

2. A HISTÓRIA DAS VIAGENS

Com a proposta de debater o perfil do viajante na contemporaneidade a maneira como ele se desloca, parece-me interessante, como ponto de partida, traçar um breve panorama da história das viagens e do turismo no mundo. Uma espécie de “viagem” no tempo de volta ao passado, para compreender de que maneira cada época influenciou a forma como os homens se deslocavam. E, principalmente, como cada uma delas em particular colaborou para que o hábito de viajar chegasse ao formato que conhecemos hoje.

É certo que os variados aspectos históricos, culturais e econômicos que marcaram cada período foram fatores determinantes nesse processo. Os deslocamentos dos homens em suas épocas foram sempre resultado da conjuntura cultural, econômica e, sem menor importância, tecnológica do período. Assim, acredito ser relevante destacar o quanto cada nova tecnologia que surgia trazia, a reboque, um efeito revolucionário – em diferentes gradações, da invenção da roda às novas tecnologias, passando pela mídia – à trajetória das viagens.

2.1. A criação do hábito de viajar

É interessante perceber como os deslocamentos foram inicialmente motivados por fugas, devoção religiosa ou fins de sobrevivência. Posteriormente, vieram razões ligadas às guerras, ao comércio e aos estudos, impulsionadas pela formação dos estados nacionais. E, somente no século XIX, com a evolução dos transportes e o movimento de nobres em visita aos balneários europeus, é que, para além do hábito de se viajar por prazer, nascia o turismo nos moldes segundo os quais o conhecemos hoje, intimamente ligado a férias, ao lazer. Este é, a bem da verdade, outro ponto que chama atenção nessa trajetória: a maneira como as viagens se transformaram em turismo, em uma atividade que sustenta hoje uma imensa e lucrativa indústria mundial. Mais adiante, falarei mais sobre as implicações dessa mudança para os deslocamentos. Por ora, a idéia é traçar uma resumida linha do tempo do desenvolvimento das viagens.

Por fim, não obstante o fato de que a trajetória percorrida nas próximas páginas se escreve, principalmente, sobre as linhas das viagens como o são e se

fizeram pelo modelo ocidental, o importante é, para deter-me à discussão desta pesquisa, destacar que da Antigüidade Clássica aos dias de hoje o perfil do viajante, a maneira como ele viaja e os lugares para onde escolhe ir são reflexos de uma dada conjuntura temporal, de uma combinação de fatores específica. Fatores estes que foram, através do tempo, tecendo, qual uma malha feita à mão e por um imenso número de tecelãs, a trama do que é hoje o turismo, o viajante e o mapa de viagens na pós-modernidade.

2.1.1 Deslocamentos na Grécia e na Roma antigas

Estaria na Antigüidade Clássica o início do desenvolvimento das viagens. A despeito da distância temporal que separa essa época da contemporaneidade, os dois períodos guardam muitos pontos em comum no que diz respeito à prática do turismo moderno. Grécia e Roma antigas colaboraram fundamentalmente para o crescimento da atividade, primeiro, ao organizar os meios de transporte, depois, por instalar também a infra-estrutura necessária, com a construção de estradas, pontes e viadutos. Isso permitiu às pessoas não apenas se deslocar, mas o fazer por distâncias cada vez maiores e transportando cada vez maior volume de carga.

Na Grécia, o principal eixo dessa movimentação de pessoas e produtos comerciais era o mar, o que poderia em parte explicar o crescimento das cidades gregas ao longo da costa, possivelmente também ocasionado pela falta de uma autoridade central que comandasse o planejamento e a construção de estradas, segundo Holloway (1997:35, em Yasoshima e Oliveira, em Rejowski, 2002, p. 18). De maneira que, já naquela época, o país tinha portos equipados com diques secos, áreas de armazenagem de mercadorias e para embarque e desembarque de viajantes.

O historiador grego Heródoto desenvolveu o hábito de, em seus deslocamentos, registrar fatos sobre os costumes dos lugares por onde passava. São dele as principais observações sobre como eram as viagens na Grécia Antiga, não apenas como registro da maneira como se dava a prática, mas pela crítica que, correntemente, ele fazia aos guias de viagens então existentes, ainda focados em descrições sobre locais a serem visitados e em conselhos religiosos.

O povo grego, com poucas exceções, não viajava motivado pelo lazer. Razões de ordem moral e religiosa parecem ter constituído um obstáculo ao desenvolvimento desse tipo de motivação de viagem. O profundo apego deísta e a austeridade do modo de vida helênico deixavam, com efeito, pouco tempo para o ócio e o divertimento, em oposição ao espírito prático dos romanos, ligado ao relaxamento do religioso e à emergência da laicização dos modos de vida, privilegiando todas as formas de prazer que a existência podia comportar, aí também enquadrados os prazeres das viagens. (Yasoshima e Oliveira, em Rejowski, 2002, p. 20).

As viagens dos gregos eram, sobretudo, ligadas a idas a templos e a regiões de banhos, fontes de águas minerais com poderes curativos. Nos arredores dos templos, surgiram facilidades para o pernoite de quem vinha de longe, o que incluía opções de entretenimento. O principal motivador dos deslocamentos na Grécia Antiga, porém, foram os Jogos Olímpicos, iniciados em 776 a.C. As competições realizadas a cada quatro anos em Olímpia atraíam milhares de gregos para a festa em homenagem a Zeus. Afora o alojamento oferecido aos atletas, havia tendas e pavilhões erguidos por membros de delegações oficiais de competidores e pelos mais ricos. O resto do público dormia ao relento. A hospitalidade, no entanto, era largamente praticada pelos gregos, sob alegação de que viajantes e estrangeiros tinham a proteção de Zeus Xênios ou Zeus Viajante (Idem). Daí o hábito desses anfitriões de prestar auxílio a seus “hóspedes”, o que se estendia, inclusive, a socorro financeiro em caso de precisão durante a viagem. Com o tempo, essa rede foi crescendo.

No século V a.C. Atenas havia se convertido em um importante destino para os viajantes que acorriam aos seus principais lugares, como o Partenon. As pousadas, com frequência adjacentes aos templos, estabeleciam-se em grandes povoados e em portos marítimos, com a função de atender às necessidades dos viajantes. (Ibidem, p. 22)

Pode-se falar ainda em uma espécie de roteiro padrão seguido pelos viajantes da Antigüidade, que incluía uma lista de Sete Maravilhas, descritas pelo escritor grego Antipater de Sidon (Ibidem) como a estátua de Zeus, em Olímpia; o Colosso de Rodes; o Templo de Ártemis, em Éfeso; o Mausoléu em Halicarnassus; o Farol de Alexandria; as Pirâmides de Gizé; os Jardins Suspensos, na Babilônia.

Segundo Mill e Morrison (1992:2, Yasoshima e Oliveira, em Rejowski, 2002, p. 23), haveria duas principais explicações para o desenvolvimento das viagens na Grécia Antiga. A primeira delas era o sistema de troca de moedas, o que permitia aos viajantes se deslocarem sem carregar objetos que poderiam ser trocados ou

vendidos para cobrir despesas durante o percurso. Depois, a ampla difusão da língua grega, falada em todo o Mediterrâneo na época, funcionava como um idioma de uso comum, que facilitava a comunicação. Fica claro assim que, tão importante quanto a infra-estrutura para o deslocamento, como transporte e estradas, o uso de moedas comuns, como são hoje o dólar americano e o euro, e de uma língua de amplo domínio, como é o inglês na atualidade, tiveram e têm imenso efeito no alargamento das fronteiras cruzadas pelo viajante e na desenvoltura com que este consegue fazê-lo.¹

Foi justamente a reunião de fatores desse gênero que fizeram que o apogeu das viagens da Antigüidade Clássica acontecesse em Roma. A força comercial do Império Romano originou uma classe média provida de recursos a serem usados em viagens. A moeda romana, o grego e o latim eram comuns na região, facilitando os deslocamentos, havia transporte, infra-estrutura² e um sistema legal para garantir segurança ao viajante. Foram esses também os fatores que impulsionaram a expansão do Império Romano, como explicam Yasoshima e Oliveira (Idem, p. 24): “A Pax Romana foi fundamental pra as viagens. Foram dois séculos de paz (...) sem precedentes na história mundial. Isso significava que o viajante podia fazer um trajeto do muro de Adriano até o Eufrates, sem cruzar fronteiras hostis”.

Foi com o advento da classe média romana que veio o hábito de fazer viagens de verão, principalmente para destinos à beira-mar – a prática do *otium* – e o de ter casas de veraneio. Surgiu, conseqüentemente, uma espécie de segmentação das viagens, com destinos mais procurados por intelectuais, outros pelos mais formais, sem esquecer daqueles reservados aos menos providos de recursos financeiros. É muito importante destacar, neste ponto, que a prática do *otium* pelos romanos, essa temporada de férias à beira-mar – que incluía atividades como a pesca, a leitura, os passeios e os banhos sulfurosos – cresceu efetivamente

¹ É possível traçar neste ponto um paralelo com as condições trazidas pela globalização ao desenvolvimento das viagens pelo mundo. Além de um consolidado sistema de transporte e estrutura turística, o fato de haver moedas de uso planetário, como o são o dólar americano e o euro, idiomas igualmente difundidos, como o inglês, e uma rede tecnológica de ampla extensão, como a internet e a TV a cabo, facilitam o trânsito do viajante contemporâneo. E isso ocorre não apenas em seu deslocamento dentro do seu país e fora dele, mas na compreensão de outras culturas outrora distantes e agora acessíveis pelas telas de sua televisão e de seu computador.

² As primeiras estradas romanas foram abertas a partir de 150 a.C. Ainda hoje existem trechos dessas estradas perfeitamente conservadas. No tempo em que Roma era comandada pelo Imperador Trajano (98 a 117 d.C.) a rede viária somava mais de 50 mil quilômetros de estradas. Outro fato que ajudou o movimento dos viajantes foi a elaboração da Tabula Peutingeriana, um mapa que reproduzia todo o território do Império Romano, apontando distâncias entre as cidades e locais com opções de hospedagem. (Rejowski, 2002).

como opção de lazer. Como afirmara Cícero (Ibidem, p. 25), era “graças ao *otium* que a vida valia a pena ser vivida”.

2.1.2. O recolhimento medieval

O fim do Império Romano foi um golpe fatal para a efervescência semi-turística que vivia toda a região. Durante a Idade Média, os deslocamentos tornaram-se sinônimo de insegurança, associados então a uma árdua tarefa. As viagens passaram a ser feitas quase que exclusivamente por aqueles que se ocupavam de defender lugares sagrados e, também, da profissão da fé. Além disso, o sistema feudal, tendo a agricultura como sua principal atividade econômica, fixou o homem à terra e suprimiu a classe média. Com a falta de um comércio desenvolvido, havia menos dinheiro circulando para permitir gastos com o lazer. De maneira que os deslocamentos se davam em grande parte por motivação religiosa ou, em alguns momentos, pela realização de feiras.

De todo modo, é fundamental destacar que, durante o período medieval, importantes avanços foram feitos no transporte marítimo. No século XI, os vikings navegaram até a América do Norte e, 200 anos depois, Marco Pólo até a Ásia. O grande salto trazido pelo aprimoramento da tecnologia naval, contudo, viria ainda mais adiante, nos séculos XV e XVI, com a expansão ultramarina européia, a chegada de Cristóvão Colombo à América e a de Pedro Álvares Cabral ao Brasil.

Voltando ao contexto religioso da época, foi justamente este a motivação que impulsionou as viagens medievais. Visitas a Jerusalém e a Roma eram muito desejadas pelos cristãos de então. Posteriormente, no século IX, descobriu-se a tumba de Santiago de Compostela, dando início a outra via de peregrinação. Todas elas passaram a interligar uma rede de serviços, suvenires e cobranças, criada para atender os peregrinos em suas jornadas. De maneira que, como afirma Feifer (1985:29, Yasoshima e Oliveira, em Rejowski, 2002, p. 33), nos séculos XIII e XIV, as peregrinações já podiam ser vistas como um fenômeno de massa. De fato, o turismo religioso e de peregrinação movimenta, nos dias de hoje, imensas massas de viajantes por todo o planeta.

A literatura foi de fundamental importância à difusão da atividade, com o surgimento dos livros de viagem, inaugurando um novo gênero literário. Yasoshima e Oliveira (Rejowski, 2002, p. 33) citam “Travels”, de sir John Mandeville, publicado

em 1357 e considerado um verdadeiro best-seller. A obra foi reimpressa por mais de 150 anos e traduzida para nove idiomas. Uma vez mais, aqui, a tecnologia e a mídia disponíveis na época colaboraram para o desenvolvimento das viagens e o registro de como aconteciam, para que lugares e feitas por que viajantes. A atividade parecia ganhar, enfim, atenção no sentido de organizar e regularizar o trânsito desses viajantes, com a criação de uma espécie de passaporte, chamado de *testemoniale*. O documento era originalmente escrito por um religioso superior para ser usado pelo viajante em sua peregrinação como garantia de segurança em suas andanças. Mais tarde, passou a ser emitido pelo estado, sobretudo em épocas de guerras. O passaporte, na forma que conhecemos hoje, tornou-se documento internacional obrigatório apenas a partir da Primeira Guerra Mundial, em 1916.

No fim da Idade Média, havia ainda uma espécie de peregrinação comercial, já que os comerciantes precisavam deslocar-se para vender e comprar mercadorias, o que, de outro modo, também (re)impulsionou as viagens. E, nesse ponto, iniciavam-se dois novos momentos de grande importância para o estímulo a novos deslocamentos: a transferência dos núcleos de povoamento do campo para as cidades e a expansão marítima européia.

2.1.3. O mercador de luz e as viagens culturais

O Renascimento favoreceu o desejo de explorar e de descobrir. Da Itália ele se expandiu rapidamente por toda a Europa. A necessidade de aprender, de adquirir cultura, favoreceu sobremaneira os deslocamentos. Francis Bacon, citado por Coltman (1989:6), descrevia o viajante da época como “mercador da luz”. O novo tipo de viajante levava a sua experiência, o seu conhecimento, enquanto o peregrino da Idade Média viajava para experimentar os mistérios da Igreja. A Inglaterra aprovava esse tipo de viagem e a Coroa frequentemente custeava parte dela, especialmente para os futuros diplomatas e ocupantes de cargos no reino. (Yasoshima e Oliveira, em Rejowski, 2002, p. 36)

Foi com a retomada dos valores clássicos no Renascimento que as viagens ganharam perfil cultural. Esse novo movimento foi estimulado principalmente como complementação à educação de jovens nobres, daqueles que se preparavam para trabalhar para o estado. Data desse período a fundação de grandes universidades, como, além da criação de eventos como a Feira do Livro de Frankfurt. Nesse período, a maneira como a empreitada era concebida e o perfil dos que dela participavam levaram as viagens a se confundirem com tarefa de privilegiados,

passou a ser vista como uma jornada de conhecimento, ligada ao saber e à descoberta.

No período elisabetano, os estudantes ingleses partiam acompanhados de tutores para rodar a Europa. O principal destino desses jovens era a França. Tanto que, na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII cresceu o hábito de se fazer o que, na época, ficou conhecido como o *grand tour*, uma completa viagem de aprendizado pelo território francês. Viria daí o termo turista, de *grand tourist*. O roteiro, porém, não deixava de fora outros pontos obrigatórios para esse grupo de aprendizes, como Roma, Florença, Veneza e Nápoles³. A aventura do *grand tour*, entretanto, cessou com a Revolução Francesa (1789) e as sucessivas guerras napoleônicas.

Outro segmento das viagens que se desenvolveu a largos passos no Renascimento foi o de banhos termais, pelas propriedades terapêuticas das águas recomendadas por especialistas como tratamentos com as mais diversas indicações. De qualquer maneira, o turismo não se configurava ainda, naquele período, como atividade organizada, segundo afirmam Yasoshima e Oliveira (2002, p. 39):

As motivações das viagens já mostram a tendência atual de segmentação, como as viagens de negócios, saúde, religião, cultura, lazer e entretenimento. Porém, não se pode personificar o viajante desse período como turista, tal qual considerado na atualidade, e não se encontra também uma forma sistemática de organização e administração dessas viagens e dos serviços nelas prestados.

O desenvolvimento e a consolidação do turismo moderno acontecem apenas a partir de meados do século XIX, como veremos a seguir.

2.1.4. Novas tecnologias e a consolidação do turismo

A Revolução Industrial, a partir de meados do século XVIII, foi de importância vital para o desenvolvimento do turismo, que ganhou impulso com o advento da máquina a vapor. Uma vez mais, os reflexos da inovação tecnológica colaboraram para fazer com que as viagens dessem um salto não apenas qualitativo, mas também quantitativo. O advento da máquina a vapor não ficou restrito aos chãos das fábricas, afetando sobremaneira os transportes – o trem e os navios. Em pouco tempo, ferrovias com malhas extensas espalhavam-se por Inglaterra, Europa,

³ Mais de 40 mil ingleses teriam viajado ou visitado o continente europeu no ano de 1785, segundo dados do historiador Gibbon, de acordo com Sigaux (1965: 60, em Rejoski, 2002, p. 37).

América e diversas colônias em todo o mundo. As linhas marítimas regulares foram outro pilar para a expansão das viagens a destinos mais longínquos que os freqüentados até então. É que, novamente, expandia-se a capacidade de se transportar mercadorias e pessoas a lugares cada vez mais distantes, com a vantagem de se poder fazê-lo com conforto e velocidade cada vez maiores.

Em paralelo, as mudanças socioeconômicas trazidas pela Revolução Industrial permitiram às pessoas uma nova condição para viajar. Com a transferência do homem do campo para as áreas urbanas, estabelecendo-se ao redor dos núcleos fabris, ascendeu uma nova classe média. Com a regulamentação do trabalho, essa classe média tinha não somente recursos como também tempo livre para empregar em viagens recreativas. Foi essa condição a responsável por uma mudança na maneira como se viajava, com atenção voltada para jornadas menores e outras segmentadas, ligadas a modismos da época. Diversos destinos passaram a atrair visitantes justamente por seus célebres freqüentadores e outros pela facilidade com que se passou a poder, através dos então aprimorados meios de transporte, chegar até eles.⁴

Fernández Fuster (1974: 53-54, em *Desenvolvimento do Turismo Moderno*, p. 44, Rejowski et al, 2002, p. 44) afirma que se criou, para além do já conhecido turismo itinerante, o turismo residencial ou de estada, com segmentações específicas, como termalismo, cassinismo e paisagismo. O primeiro era ligado aos balneários e estâncias termais. Spa, na França, tornou-se tão conhecida no século XVIII que seu nome virou sinônimo de estações de tratamento com águas minerais. Já o cassinismo crescia ferozmente com um sofisticado circuito de jogos de azar. Em 1872, Monte Carlo, em Mônaco, recebia cerca de dez mil visitantes.

Finalmente, o paisagismo foi em grande parte estimulado pelo Romantismo e sua celebração da natureza e seus cenários. A característica que tomara as artes e a literatura estendia-se também às viagens. A procura pelas montanhas, a beleza das paisagens verdes. É preciso destacar ainda que, naquela época, a grande ocorrência de tuberculose levou à criação de sanatórios para recuperação de enfermos nas montanhas, em busca de ar puro. Foi este outro fator que estimulou a prática do paisagismo. Vieram as caminhadas em bosques e florestas, a paixão

⁴ Seria possível traçar um paralelo com o fenômeno do período da Revolução Industrial com o que se dá hoje com o barateamento dos pacotes turísticos, das viagens de navios e, sobretudo, das passagens aéreas. O fenômeno das companhias de baixo preço/baixo custo em muito colaboram para ampliar o tráfego de viajantes como para ampliar a gama de destinos escolhidos por eles.

pelos Alpes e, em 1872, a criação do primeiro parque nacional do mundo, o Yellowstone, nos Estados Unidos. (Rejowski et al, 2002, p. 51).

2.2 Turismo com “T” de Thomas

Foi no final do século XIX que as viagens iniciaram a transição para o status de indústria turística. O Brasil foi pedra fundamental para a criação da primeira empresa de viagens do mundo, a portuguesa Agência Abreu⁵. Fundada em 1840 na cidade do Porto por Bernardo Abreu – e ainda hoje dirigida por descendentes da mesma família – cuidava da emissão de passaportes, vistos internacionais e passagens de trem para Lisboa e de navio para a América do Sul. A Abreu dedicava-se ao fluxo de portugueses então emigrando para Venezuela e Brasil. Mais tarde, expandiu suas atividades a outros países.

O empresário tido como pai do turismo moderno, entretanto, é Thomas Cook (1808-1892)⁶. Apenas um ano depois da fundação da Abreu Turismo, o inglês organizou uma viagem de membros da igreja batista que freqüentava, em Loughborough, para um encontro em Leicester. Na época, convenceu a Midland Counties Railway a fornecer bilhetes com tarifas reduzidas, oferecendo em troca a garantia de grande ocupação do trem. Funcionou. Em 5 de julho, Cook levou um grupo de 570 pessoas para um passeio que incluía passagem de trem de ida e volta no trecho Loughborough-Leicester, lanche e entretenimento. Quatro anos depois, ele coordenou a primeira viagem efetivamente de lazer e aberta a todo tipo de viajante e, em 1851, nascia a Thomas Cook & Son.

É interessante observar que o sucesso de Thomas Cook deveu-se ao seu fervor religioso e à sua grande visão social nos primórdios da Revolução Industrial. Segundo Witney (1997), além da pregação da temperança, ele queria encontrar uma forma de afastar os trabalhadores industriais dos *pubs*, lugares freqüentados após a jornada de trabalho. E viu nas viagens a forma ideal para mantê-los longe da bebida.

Ainda para esse autor, com o mesmo fervor com que tratava assuntos religiosos, Cook começou a tratar as viagens que organizava, porque acreditava que elas abriam a mente e aumentavam a sede pelo conhecimento, no processo de quebra de barreiras de classes e nacionalidades, promovendo a tolerância e a benevolência cristã entre os homens. Também argumentava a favor dos benefícios do contato com a

⁵ Como aparece em <http://www.abreutur.com.br/static_show.asp?pshow=/static_br/site/sobre.htm>, em 18 de novembro de 2007.

⁶ Como aparece em <<http://www.thomascCook.co.uk/content/about-us/thomas-cook-history/thomas-cook-history.asp>>, em 18 de novembro de 2007.

natureza e da recreação. Para ele, todos, ricos e pobres, tinham o direito de viajar, e a ferrovia havia chegado para tornar isso possível. (Rejowski et al, 2002, p. 54)

Embora não fosse o precursor no ramo, o modo como Thomas Cook tirou proveito das condições trazidas pela Revolução Industrial em benefício de seu negócio fizeram dele o primeiro grande empreendedor do setor que nascia. O título de pai do turismo vem do fato de ter sido ele o pioneiro em práticas hoje recorrentes no segmento, como os acordos entre as várias companhias fornecedoras (hotéis, restaurantes, transportadoras e atrações); a emissão do primeiro *voucher* (cupom que garante a reserva de serviços nesses fornecedores), em 1867; a criação do *traveller check*, em 1873/74. Quando morreu, sua empresa somava mais de 1700 empregados em 84 escritórios e 85 agências em vários países. Hoje, é o segundo maior grupo de turismo da Europa⁷. Atrás da líder inglesa TUI Travel PLC.

Cook não foi o único a ter seu nome vinculado a capítulos de destaque na história da estrutura que ampliou o hábito de viajar pelo mundo. A tecnologia da época resultou, como já mencionado anteriormente, numa evolução imensa nos meios de transporte. George Mortimer Pullman (1831-1897), por exemplo, foi o responsável pela invenção do vagão-salão e do vagão-dormitório, para serem usados no transporte ferroviário de passageiros nos Estados Unidos. Em 1872, a idéia foi adotada na Europa e, pouco depois, na Inglaterra. A novidade permitiu também a emergência de uma nova ramificação, a do turismo de luxo. O Oriente Express, que unia Londres e Paris a Viena, Atenas e Istambul surgiu em 1883. Em pouco tempo, tinha conexões com o Expresso Transiberiano (1898) e com o Expresso Cairo-Luxor (1902) (Khatchikian, 2000; Montaner Montejano, 2001, em Rejowski, 2002, p. 57).

Acontecia, em paralelo, também o desenvolvimento do transporte marítimo, oferecendo ligações entre diferentes continentes. E a literatura se consolidava como a costura que unia as várias partes dessa nova trama de deslocamentos por regiões e pelo mundo. O escritor Mark Twain teria sido um dos passageiros a bordo do primeiro cruzeiro moderno destinado a turistas, com o navio Quaker City, em 1867, que partiu de Nova York com destino à Terra Santa, afirmam estudiosos como Khatchikian e Lickorish e Jenkind (2000, em Rejowski et al, 2002, p. 58). É um

⁷ Idem.

exemplo da importância da literatura no estímulo à prática da viagem e na informação sobre o que se encontra em outros países.

Um dos seus passageiros⁸ era Mark Twain, cuja viagem foi patrocinada pelo *Alta Califórnia*, um jornal de São Francisco que o contratou para acompanhar o roteiro e remeter 50 crônicas, pelas quais lhe pagaram 20 dólares cada uma (Khatchikian, 2000: 128). Essa experiência deu ainda origem ao livro intitulado *The Innocents Abroad* (Os Inocentes no Estrangeiro). No primeiro ano, o livro vendeu mais de 70 mil cópias e permaneceu sendo o *best seller* dos livros de Twain durante toda a sua vida. (Rejowski et al, 2002, pp. 58-59)

Como mencionado acima, a literatura, como a imprensa da época (jornais, revistas e publicações científicas), funcionava como uma caixa de ressonância para o conhecimento gerado sobre destinos em todo o mundo, sobre as novas maneiras de se viajar, sobre o encontro com outros povos, as descobertas na natureza e outros assuntos correlatos. Teria sido justamente por inspiração em um editorial de um jornal do outono de 1869 que Julio Verne publicou, quatro anos depois, “A volta ao mundo em oitenta dias”. O artigo justificava que, com a ligação ferroviária para o Pacífico, seria possível contornar o planeta em 80 dias. De fato, antes ainda da publicação de um dos maiores clássicos de Verne, Thomas Cook montou e passou a comercializar pacotes seguindo o roteiro de volta ao mundo. No caso do pioneiro do turismo, o trajeto era feito no sentido oposto ao sugerido pelo escritor. Verne, aliás, é um dos autores que marcam a literatura de viagens, tendo escrito ainda obras como “Cinco semanas em um balão” (1862), sobre uma expedição de balão à África, e “A Jangada” (1880), relatando uma viagem pela Amazônia.

Já os guias de viagem tornaram-se amplamente publicados a partir de meados do século XIX. O alemão Karl Baedeker (1801-1859) teria sido para essas edições o que Thomas Cook representou para as agências de turismo. Filho de editores alemães, ele se dedicou à edição de guias internacionais, apostando na então nascente cultura do livro de bolso, publicações de fácil consulta para o viajante. Os guias Baedeker foram muito lidos no período e são regularmente citados em obras do cinema e da literatura sobre a época, como no filme “Uma janela para o amor”⁹. É a um Baedeker que Charlotte Bartlett, personagem da atriz Maggie Smith, recorre ao se perder durante uma visita a Florença.

⁸ Do navio Quaker City.

⁹ “Room with a view”, no original em inglês, de James Ivory.

Outra inovação que colaborou para o surgimento de opções de entretenimento noturno foi o uso de iluminação elétrica ou a gás. Vieram então os cabarés, casas de espetáculos como o parisiense Moulin Rouge.

E, no vaivém de tendências, o fim da era vitoriana trouxe o prazer da viagem individual, agora sobre rodas. Mas sobre as rodas da bicicleta. Em 1878 foi fundado o Cyclist Touring Club e as férias pedalando ficaram famosas. O veículo, entretanto, era privilégio dos mais ricos, como foi, em seguida, o automóvel.

O contínuo entusiasmo pela vida saudável e ao ar livre coincidiu com a invenção da bicicleta e as férias com a utilização deste meio de transporte por meio da promoção do Cyclist Touring Club, fundado em 1878. Esse fato desfrutou de imensa popularidade. O movimento não só preparou o caminho para o posterior interesse pelas atividades ao ar livre durante as férias, como pode ter estimulado a aparência bronzeada da pele, como símbolo de condição social (status) de saúde e de riqueza, em contraste com a estética vitoriana que preferia a cor branca da pele, como sinal de bons modos e educação. (Rejowski et al, 2002, pp. 64-65)

As viagens ganharam fôlego ainda com as sucessivas exposições mundiais e a reedição dos Jogos Olímpicos, a partir do fim do século XIX, eventos que atraíam milhares de pessoas e o fazem até os dias de hoje.

2.3. Viagens nos séculos XX e XXI

É no período pós-Segunda Guerra Mundial que o turismo conhecerá um crescimento sem igual em sua trajetória. Na primeira metade do século XX, as viagens ferroviárias ainda prevaleciam. Foi nessa época que surgiram e se consolidaram outros meios de transporte usados em viagens, como o automóvel, o ônibus, o avião e o dirigível. Uma vez mais, como em períodos anteriores, essa evolução tecnológica permitiu a expansão do turismo a novas fronteiras, com mais velocidade e conforto. Durante todo o século XX, o que se verificou foi uma significativa utilização de ferramentas de marketing na promoção e na venda de viagens as mais diversas. Guerras e outros eventos sociais, econômicos e políticos foram alterando e redesenhando o que se poderia chamar de um mapa-múndi turístico moderno, interrompendo ou desviando deslocamentos de viajantes, mas também permitindo a chegada a novos destinos e a expansão da atividade como um todo. A informática, por sua vez, possibilitou a integração das empresas e serviços do ramo em âmbito global, conferindo imensa atividade às viagens.

2.3.1. Para além das guerras

A Primeira Guerra Mundial interrompeu o movimento de viagens logo no início do século XX. No período, prosseguiram deslocamentos de refugiados, expatriados, fugitivos e militares. No período entre guerras, as viagens voltaram a crescer, apesar de novo baque, nesse intervalo, com a crise da bolsa de Nova York (1929). Mas a Segunda Guerra Mundial veio, novamente, estancar as movimentações de viajantes.

Alguns estudiosos, como Acerenza (1986:68; em Rejowski e Solha, 2002, p. 74), defendem que esses primeiros anos do século XX foram de grande desenvolvimento para o turismo, graças à combinação de fatores ainda anteriores ao período da Primeira Guerra, como as novas tecnologias em transportes, o melhor nível de vida da classe média, a consolidação das férias remuneradas e a desvalorização de moedas em países europeus. Havia ainda mais viagens das classes ricas burguesas, principalmente para a Suíça e para praias do Canal da Mancha e outras localizadas na região do Mediterrâneo, como Cannes e a Riviera Italiana. No inverno, o esqui nos Alpes se intensificava. Surgiam também novos destinos, para viagens nas Américas. Entre eles, estavam Miami Beach (EUA), Acapulco, (México), Bariloche (Argentina) e Rio de Janeiro (Brasil).

Cresceu também no período o transporte aéreo de passageiros, tanto a bordo de aviões quanto de dirigíveis. Estes últimos já eram usados na Europa para transportar passageiros desde 1910. Os aviões, por outro lado, passaram a ser usados em linhas comerciais a partir da década de 20, em vôos operados por antigas aeronaves militares então adaptadas para transportar passageiros.

Os anos 20 funcionaram como uma espécie de marco regulatório para o surgimento de um novo perfil de viajante. A década foi marcada por forte discussão em diversos países sobre a legislação trabalhista. A redução da jornada de trabalho, a remuneração das férias e o descanso semanal foram implementados em muitos deles. Com maiores garantias ao trabalhador, crescia seu tempo livre para usar no lazer e, conseqüentemente, em viagens. Foi para atender justamente à demanda desses trabalhadores que surgiram opções de viagens mais curtas, para lugares mais próximos e utilizando meios de hospedagem mais simples. Afinal, havia uma nova classe de viajantes debutando na atividade.

Ao mesmo tempo em que crescia o número de operários viajando, aumentava também o volume de executivos se deslocando. Isso colaborou de maneira significativa para a diversificação da oferta de produtos turísticos, como hotéis e serviços adaptados para cada tipo de viajante. Os motéis, criados nos Estados Unidos na década de 30, são exemplo disso. Ficavam ao longo das estradas do país e surgiram para atender àquelas pessoas que viajavam de carro.

Mas foi depois do término da Segunda Guerra Mundial que o turismo mergulhou em um processo de massificação, resultado de fatores políticos, econômicos e culturais, entre outros, registrados naquela época. O acordo de paz e a estabilidade política, em paralelo à consolidação da classe média, que não apenas conquistou maior poder aquisitivo como também maior tempo livre são alguns deles. O melhor nível educacional e cultural em diversos países estimulou ainda o interesse por outros povos e a curiosidade de se viajar até eles. Outro fator que merece destaque é que o já avançado estágio de urbanização fazia nascer um novo desejo, o de evasão das cidades, de recreação em ambiente distante do cotidiano.

Essa combinação de fatores permitiu a explosão das chamadas viagens de massa, do viajante que escolhia viajar utilizando pacotes turísticos completos, que incluíam todos os serviços e equipamentos a serem utilizados durante o roteiro. Ou dos imensos grupos de turistas reunidos em balneários de férias. Foi uma época em que “a recreação e o lazer tiveram um impacto determinante na formação de uma moral coletiva orientada ao prazer.” (Khatchikian, 2000: 247-8, Idem, p. 87). Daí uma década de 60 em que viagens eram sinônimo de sol, areia e, característica que não ficou esquecida na História no caso de uma diversidade de destinos em todo o mundo, sexo.

Foi somente a partir de meados da década de 70 que surgiu a preocupação de se aliar o turismo a práticas sustentáveis, sobretudo pelo aspecto ambiental. Modalidades do turismo chamado alternativo despontaram nessa época, como ecoturismo, agroturismo e turismo de aventura. Enquanto uma parcela dos viajantes escolhia refugiar-se em atividades em meio ao verde como as há pouco mencionadas, uma nova revolução tecnológica nos céus colaborava para intensificar o trânsito de viajantes em todo o mundo. O concorde, o avião supaveloz, fora inventado e o transporte aéreo passou por um processo de desregulamentação, primeiramente, nos Estados Unidos e, em seguida, na Europa. Essa mudança permitiu um incrível barateamento das viagens de avião e ainda o surgimento de

vôos fretados. E foi fundamental para ampliar o movimento de turistas voando para novos destinos. Em terra, a recuperação e a expansão de redes ferroviárias de países ricos e o surgimento dos trens-rápidos, nos anos 80, como o TGV francês, ajudaram a distribuir o fluxo de viajantes que passou a chegar por via aérea.

Uma espécie de revolução nos transportes parecia levar os turistas a cada vez mais recantos do planeta. Surgiam as empresas de aluguel de veículos e cresciam as opções de viagens em cruzeiros marítimos e fluviais.

Não se pode esquecer de mencionar o uso da informática pelo setor de viagens, que garantiu alto desenvolvimento às empresas de turismo. Todos os sistemas de fornecedores, de companhias aéreas a restaurantes, passando por guias e redes de lojas, puderam ser conectados em uma rede única de reservas e formatação de roteiros. Mudava também a maneira como os turistas de então decidiam suas viagens, passando a defini-las segundo demandas muito específicas.

O comportamento e a demanda tradicionais foram substituídos por novos padrões, novas preferências e novos interesses de uma população que viajava cada vez mais e era experiente e sofisticada em termos de viagens e recreação. Há interesses crescentes de especialização da atividade, viagens para uma finalidade específica, para fins esportivos, culturais, de saúde, ou *hobbies*. A grande redução no custo real da viagem ao exterior, especialmente em rotas de longa distância, abriu novas possibilidades e aumentou muito as forças competitivas. Uma expectativa por melhor qualidade, valorização do dinheiro e interesse pela satisfação ambiental são fatores novos e importantes que afetam a demanda como um todo. O apelo comercial de 'produtos de massa' antigamente utilizado, como o sol quente e a areia, não é mais suficiente para garantir um sucesso a longo prazo. (Lickorish e Jenkins, 2000: 47, em *Ibidem*, p. 99).

O segmento das chamadas viagens corporativas, as ligadas a congressos, eventos e negócios, ganharam robustez. Consolidava-se, enfim, uma indústria de viagens segmentada, com opções para os mais variados perfis e orçamentos de viajantes. Isso significa que o turista pode escolher de um tradicional acampamento, instalando sua diminuta barraca em um camping nos arredores de sua cidade, a uma viagem ao espaço, na medida em que suas posses permitam escolhas tão díspares. A maneira como as viagens estão hoje ligadas a uma motivação de consumo, de reafirmação de status, seja ele financeiro ou cultural, é outro tema de interesse nessa pesquisa e que será discutido no capítulo 4.

Para retomar o tema deste capítulo, ligado à história das viagens e do turismo, é fundamental citar ainda as oscilações que uma diversidade de

acontecimentos políticos, econômicos e sociais trouxe ao segmento nas duas últimas décadas do século XX. A queda do muro de Berlim (1989), a decadência do comunismo e o redesenho do mapa de nações do Leste Europeu e da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na década de 90, estão entre eles. Assim como a Guerra do Golfo Pérsico (1991) e a ascensão de movimentos ligados ao fundamentalismo islâmico em países como Argélia, Egito e Marrocos influenciaram o fluxo de viajantes em todas essas áreas afetadas direta e indiretamente pelos conflitos gerados.

2.3.2. O novo milênio

Finalmente, já no século XXI, os ataques terroristas aos Estados Unidos em setembro de 2001 resultaram em uma espécie de redesenho do mapa-múndi do turismo. Em âmbito prático, pesquisas realizadas pela Organização Mundial do Turismo (WTO, na sigla em inglês) apontaram para uma mudança no perfil do viajante internacional, em seguida a esses atentados. O turista teria passado a nutrir um interesse crescente pelas chamadas viagens ativas, como percursos de bicicleta ou caminhadas, numa tentativa de conhecer de perto não apenas lugares, mas seus habitantes e costumes. A demanda passara a ser por viagens que oferecessem experiências a mais – como oportunidades em trabalho voluntário, roteiros gastronômicos ou espirituais, por exemplo – em que o turista tivesse vivências distintas das de sua rotina, que pudessem resultar em um tipo de aprendizado que escolas não podem oferecer e que ultrapassariam o ganho tido como inerente ao ato de viajar. (WTO World Tourism Barometer. Madri, v. 1, no 1, 2003. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org/facts/menu.html>>. Acesso em 13 de outubro de 2005).

Apesar de todos os acontecimentos ligados a guerras e terrorismo, a indústria turística seguiu crescendo. De acordo com a WTO, o número de chegadas internacionais cresceu a um ritmo de 6,5% ao ano entre 1950 e 2005, subindo de 25 milhões para 806 milhões de viajantes no período. A receita gerada por eles engordou em uma média anual de 11,2%, somando US\$ 680 bilhões em 2005. Há, porém, nesse mapa-múndi em expansão, uma informação curiosa sobre a maneira como os deslocamentos pelo globo estão mais espalhados e regionalizados, distanciando-se, gradualmente, de um grupo seletivo de destinações-chave. Em 1950, os 15 maiores destinos turísticos recebiam 88% dos turistas internacionais. Em

1970, essa participação caiu para 75%, chegando, em 2005, a 57%. A explicação estaria no fato de, cada vez mais, novos destinos crescerem como opção para os viajantes, sobretudo em países emergentes. Crescem ainda as viagens pela Ásia.

Em largas linhas, a história das viagens e, a partir de um certo ponto, do turismo, está bastante resumida neste capítulo. Minha idéia é, nos próximos, discutir a maneira como as viagens acontecem na contemporaneidade. As férias parecem ter ganho status de uma espécie de remédio anti-cotidiano. Se assim o for, é para mim importante discutir por que razões e com que fins se dá tal fenômeno, que efeitos positivos e negativos, passa a englobar. A idéia é, sobretudo, entender quem é o viajante do nosso tempo, o turista do mundo globalizado. E observar a forma como suas viagens estão diretamente ligadas ao processo de constituição de sua identidade. Além dos fatores que afetam suas escolhas e seus deslocamentos e, sobretudo, o papel que a mídia e o consumo desempenham nesse processo.

3. O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Se nossa vida fosse dominada por uma busca da felicidade, talvez poucas atividades fossem tão reveladoras da dinâmica dessa demanda – em todo o seu ardor e seus paradoxos – como nossas viagens. Elas expressam – por mais que não falem – uma compreensão de como poderia ser a vida, fora das restrições do trabalho e da luta pela sobrevivência (Botton, 2003, p. 17)

Para prosseguir na discussão proposta por esta pesquisa é necessário delimitar o cenário em que vive o sujeito e, portanto, o viajante contemporâneo. Entender em que circunstâncias ele se encontra, como transita e que perspectivas persegue. E ter sob foco as principais características da pós-modernidade é importante para alcançar tal objetivo.

O mundo contemporâneo tem características particulares e nunca antes experimentadas por outra geração. Nesta época, o sujeito teria trocado, segundo descreve Zygmunt Bauman (1998), um quinhão de possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. A observação do pensador toma como referência a declaração feita por Freud sobre o homem moderno, que dizia que “o homem civilizado trocou um quinhão de suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança” (Idem, p. 18). Essa inversão da equação apontada pelo pai da psicanálise trouxe efeitos múltiplos à vida do homem pós-moderno. Se, de um lado, a mudança abriu portas para uma gama de novas oportunidades sempre renovadas frente ao sujeito, de outro, mergulhou-o num contexto permanente de risco e perigo, reduzindo a segurança individual quase ao invisível.

Bauman usa as duas definições acima para descrever, respectivamente, a origem do mal-estar na modernidade e na pós-modernidade. No primeiro caso, ele nasceria justamente, em um contexto de segurança, da falta de liberdade para a busca da felicidade individual. No segundo, a equação se inverte e esse mal-estar passa a advir de um contexto em que a liberdade pela busca de prazer garante muito pouca segurança individual. É que, com a decisão de privilegiar a felicidade pessoal em contraposição à segurança, somada às mudanças trazidas pela globalização – sobretudo pelo quase literal encolhimento do mundo pela supressão das barreiras de espaço-tempo e seus reflexos na vida social cotidiana em todas as partes do planeta – cresceram as possibilidades de escolha sempre renovadas frente ao sujeito.

A questão talvez esteja principalmente no fato de que “o projeto moderno transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização – fazendo dela uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo” (Ibidem, p. 30). Para ele, o problema hoje estaria na inexistência de um terreno estável para o desenvolvimento de projetos de vida individuais, de maneira que os esforços no sentido de construção de identidade não dão conta de formatar as consequências trazidas pelo contínuo “desencaixe” vivido pelo sujeito, de “deter o eu flutuante à deriva”.

Em termos de cenário contemporâneo, este mundo da globalização – em constante mudança e em que o contato entre as mais diferentes áreas do planeta reverbera o fluxo de transformação social ao restante do globo – traz em ondas novas identidades distintas às costumeiramente encontradas em um dado contexto, desestabiliza o mundo social e desencadeia uma espécie de processo de desfragmentação do indivíduo. Para Stuart Hall (1999), quanto mais a vida social é mediada pela globalização, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempo, lugares, histórias e tradições específicas. Este efeito *pluralizante* encontra sua representação máxima no conceito de culturas híbridas, de pessoas que transitam entre duas ou mais culturas distintas num processo paralelo de reconhecimento e estranhamento. O hibridismo é um dos conceitos-chave para debater o perfil do viajante pós-moderno e ao qual me dedicarei no capítulo 5 desta dissertação.

Por ora, gostaria de destacar que, ao acionar a interação entre as disposições mais pessoais e as influências globalizantes, a modernidade afeta intermitentemente a vida social cotidiana, modelada ainda por um número crescente de mecanismos de desencaixe. Este termo, já mencionado, é usado por Giddens (2002, p. 10) para descrever “processos que deslocam as relações sociais de seus lugares específicos, recombina-os através de grandes distâncias no tempo e no espaço”.

O resultado disso é que o sujeito contemporâneo experimenta uma contínua sensação de insegurança, de instabilidade, de caminhar em um terreno não penetrável por âncoras. Ao contrário, uma vez lançadas sobre esse terreno, estas as expõem compulsoriamente.

Considerando os argumentos acima, a experiência cotidiana desse indivíduo é a de perceber, dia a dia, que seus conhecimentos são, sejam eles os mais específicos, efêmeros. E, pior: arriscam, a qualquer momento, serem revisados ou derrubados. O mesmo se dá com a formação de identidade, que passou a ser

formulada como resultado de um intenso processo reflexivo, combinando mudanças sociais e pessoais. Tal negociação, contudo, varia de acordo com as condições reais que cada pessoa possui de transitar entre as duas. O quanto alguém consegue se movimentar nesse entremeio depende de uma série de fatores, incluídos aí o status que esse indivíduo tem na trama social, seja em termos financeiros ou culturais. Tema que será melhor trabalhado no capítulo que se segue a este.

Ainda assim, acredito que nesse cenário de incerteza permanente e irreduzível, as viagens surgem como um mecanismo interessante no cumprimento do desafio que é, na contemporaneidade, a constituição da identidade individual. E de enfrentar tal desafio em um mundo em que a incerteza é sua condição. E, como tal, mostra-se permanente e irreduzível. Para Bauman (1998, p. 38), o sujeito pós-moderno vive permanentemente com o problema da identidade não-resolvido. Isso o atormenta. Entretanto, ter uma identidade sólida e duradoura neste mundo em que é preciso se estar sempre em movimento tornou-se uma desvantagem, um lastro do qual é preciso se ver livre.

Assim, a viagem pode, de um lado, ser vista como uma espécie de desencanação voluntária, uma escolha por se descolar do cenário cotidiano e confrontar seus hábitos, posições e conflitos rotineiros com outros diversos, com a vantagem de, ao se afastar de seu ambiente original, poder despir-se da angústia de tentar ancorar em solo seguro. Quando se viaja – e aqui a referência é a um deslocamento voluntário – não se pretende jogar âncoras pelo trajeto. Ao contrário, o que se pretende é “navegar” por ele escolhendo as águas por onde se quer ou não passar, os portos de parada, os encontros desse trajeto. A viagem pode ser um canal para se colocar à prova a habilidade que se tem em termos de mobilidade no jogo social. É certo que, de outro lado, a viagem pode constituir-se em nada mais que um intervalo no jogo identitário cotidiano, em uma pausa para subir à tona e respirar na superfície, descolando-se temporariamente dessa tarefa incessante de se (re)inventar a cada novo dia. O que poderia, no mínimo, garantir fôlego para prosseguir jogando. É que, na viagem, a sensação libertária da partida preserva, paradoxalmente, uma confortante sensação de retorno à casa, de volta ao cotidiano do qual se fugiu.

Para o homem em estado de carência, a nossa sociedade oferece o turismo, as férias longe do universo cotidiano, sob as formas mais diversas e as enfeitam com todas as qualidades, permitem a evasão resolvem os

problemas, distribuem força e energia, embelezam a existência e trazem a felicidade. Depois do 'direito às férias', o 'direito à viagem' tornou-se uma reivindicação sociopolítica. Todas as camadas sociais devem ter acesso à mesma. Repouso e férias tornaram-se sinônimo de turismo. A necessidade de relaxamento é reconhecida e orientada para o turismo e transformada em viagem. (Krippendorf, 2003, p. 38)

A tese de Krippendorf é de que a pós-modernidade reduziu as opções de destinos de férias a uma única escolha: o anticotidiano. Em outras palavras, o rompimento com trabalho, lazer e moradia de rotina do sujeito. Ainda que, ao se deslocar, busque uma combinação de coisas similares às que deixou em casa. A exigência da partida seria tão imperiosa que, hoje, a pergunta-chave quando se fala de férias passou a ser “Para onde você vai?”. A questão “O que você faz nas férias?” parece ter sido suprimida pela obviedade da resposta. Se férias passaram a ser sinônimo de viagem, logo, o sujeito que se afastará do trabalho irá viajar.

3.1. A insegurança e o desencaixe voluntário

Neste mundo sempre em movimento, onde as interações acarretam mudanças em escala global, aflora ainda um contínuo processo de questionamento, de dúvida, de hipótese, que vale tanto para as instituições quanto para os indivíduos. Se a palavra é mobilidade (ou transformação), todo conhecimento passa a ser uma tese efêmera e que, a qualquer momento, pode ser alterada ou derrubada. O que vale também para o processo de constituição de identidades, que passa a acontecer de maneira reflexiva, pedindo constante renovação. “A identidade torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (Hall, 1987, em 1999, p. 12-13)

Embora seja a característica primeira da modernidade, este dinamismo alimenta também seu principal fantasma. A construção do eu passou a depender de uma seqüente conexão entre mudanças pessoais e sociais de forma reflexiva. No entanto, este processo se dá em menor ou maior grau, podendo mesmo nem ocorrer, conforme a mobilidade concedida ao indivíduo por sua posição na teia social. Se a experiência é frustrada, o resultado é um profundo sentimento de falta de sentido pessoal, de isolamento, principalmente pela verificação de que faltam os recursos necessários àquela pessoa para que possa fazer escolhas livremente, viver

de forma plena e satisfatória. A teoria para esta negociação entre a vida social e os efeitos da globalização sugerida por Bauman (1998, p. 112) parece ter uma receita simples, mas que, na prática, mostra-se um tanto complicada.

A experiência de viver em tal mundo é a experiência de um jogador, e em sua experiência não há meio de se falar da necessidade de acidente, determinação de contingência: não há senão movimentos dos jogadores, a arte de jogar bem com as cartas que se tem e a habilidade de fazer o máximo com elas.

Está aí uma das questões a que se dedica essa dissertação. Será que as viagens não funcionariam como um canal que possibilita uma espécie de aprendizado prático, “em campo”, de como ser um (bom) jogador? Como se fossem um período de concentração, treino e experimentação para que, posteriormente, jogando para valer, o indivíduo tenha melhor desenvoltura para aproveitar de seu potencial e mobilidade. Todo o processo da viagem, dos preparativos ao retorno para casa, pressupõe esta mobilidade de jogador e pode pedir intensa negociação – com pessoas, culturas, geografias. Com a vantagem de, neste caso, o sujeito estar livre de vínculos com a situação cotidiana à qual está rotineiramente atrelado na hora de negociar.

Nada é tão motivador como a possibilidade de viajar. Na expectativa de uma viagem, pedidos de demissão são engavetados, casamentos são prorrogados, filhos são adiados. Em casos mais extremos, casas próprias deixam de ser compradas, carros escapam de ser trocados, videocassetes se conformam com menos cabeças que o do vizinho. Tanto sacrifício tem uma recompensa garantida: pouco a pouco você vai se tornando um sujeito ‘viajado’. Ser viajado é mais simpático do que ser ‘culto’, mais interessante do que ser ‘inteligente’ – e quase tão bacana quanto ser ‘rico’. (Freire, 1998)

O trecho acima está em “Viaje na viagem, auto-ajuda para turistas”, do publicitário Ricardo Freire. E toca justamente no ponto de a oportunidade da viagem deslocar o indivíduo de tal maneira de seu ambiente original, que sua rotina, vínculos e hábitos parecem ficar em suspenso. Se, no contexto da pós-modernidade, a identidade consolidada torna-se um fardo (Bauman, 1998), uma espécie de lastro do qual se deve desvencilhar para viver à tona, a idéia de descartar esse peso através de um deslocamento temporário parece-me interessante como ferramenta de experimentação.

Seria como se todo esse processo incessante e reflexivo de constituição identitária pudesse, para alívio do sujeito, sofrer uma pausa e, mais adiante, ser retomado e prosseguido. E a pausa, aqui, pode tanto ser literalmente comparada à pausa de um filme, por exemplo, que pode ser retomado do ponto exato de interrupção sem prejuízo do conteúdo que está para ser apresentado. Ao menos, no que concerne o indivíduo envolvido no processo, excluindo condições adversas à sua vontade. Paradoxalmente, dependendo de que viagem esse indivíduo percorrerá nesse período de pausa, ao regressar, ele pode retomar um filme significativamente distinto daquele que interrompeu antes de partir. Descobrimos que o período de “intervalo” no jogo afetou seu posicionamento em campo no reinício da partida.

Em outras palavras, acredito que a viagem pode ser utilizada como um mecanismo voluntário de desençaixe, uma ferramenta pela qual o indivíduo pode simultaneamente se auto-avaliar e se testar longe de seu ambiente habitual, da trama social que o inclui. Isso não significa em absoluto uma fuga ao processo de constituição de identidade. Ao contrário, pode ajudar em sua formulação seja confirmando-o ou confrontando-o. E, certamente, também a utilização dessa ferramenta de desençaixe voluntário depende da posição do sujeito no jogo diário.

A angústia relacionada com os problemas da identidade e com a disposição para se preocupar com toda coisa “estranha” (...) é potencialmente universal. Mas a gravidade desse traço não é a mesma para todo o mundo. Ele afeta as pessoas em diferentes graus e traz consequências de significação variada para as procuras de suas vidas. (Idem, p. 38)

Existe fundamental influência do consumo nesse processo, tema que será mais extensamente discutido no capítulo 4 desta dissertação. Há uma intensa relação entre as diversas formas e níveis de consumo – em quanto dinheiro disponível o indivíduo tem para investir em viagens, as tecnologias às que tem acesso para programar, usufruir e facilitar essas viagens, a bagagem cultural que pode permitir ou bloquear um genuíno encontro com a alteridade – e que influenciarão todo o processo de deslocamento desse sujeito. Também esse conjunto de fatores está, no cenário contemporâneo, alterando a visão que o sujeito tem do mundo, dos outros, dos lugares antes longínquos e hoje a um clique de distância de seu conhecimento – seja pela TV, pela internet ou em outras

experiências locais – fragmentando os destinos e as culturas mais diversas em pequenos recortes familiares.

Uma viagem bem-sucedida começa quando, no caminho entre o aeroporto e o hotel, dá para sentir que você e o lugar aonde chegou são velhos amigos por correspondência, já trocaram um monte de fotos e impressões sobre a vida, e estão muito felizes em finalmente se encontrar ao vivo. A primeira vez que você se vê tête-à-tête com o Taj Mahal, a Mona Lisa, o Corcovado, a Esfinge ou o skyline de Bora-Bora é como a primeira vez que você passa por um brasileiro famoso numa calçada de Nova York: seu primeiro impulso é dar tchauzinho e mandar ver num ‘oi, tudo bem?’ (Freire, 1998)

Essa sensação de intimidade com uma celebridade brasileira é um exemplo de como armazenamos informações através da mídia, incorporando-as num arquivo de pseudo-conhecidos, de relações mancas em que apenas uma das duas pessoas envolvidas conhece fragmentos da outra. Assistir a uma atriz ou ator diariamente em uma telenovela não faz do espectador um conhecido do artista. E isso também vale para lugares e culturas que passam rotineiramente pelas telas da TV e do computador. Daí a sensação de já conhecer e identificar de imediato cenários como o Taj Mahal ou o Corcovado.

3.2. A alteridade

Assim como no jogo cotidiano, a posição do sujeito nessa escala de consumo, seu status financeiro e também o cultural, vão definir a “liberdade” que ele tem em campo. Para discutir a questão da liberdade como relação de poder, Bauman cita o conceito de viscoso, desenvolvido por Jean-Paul Sartre: “Tocar o viscoso é arriscar-se a ser dissolvido na viscosidade.” (1969, em Bauman, 1998, p. 39)

A ameaça da viscosidade viria da liquidez do visgo, que se constituiria em uma ameaça à perda de liberdade, a dissolução do sujeito nesse meio e, mais a fundo, na alteridade. No entanto, para o indivíduo que “sabe nadar” e arrisca-se apenas em mares onde as ondas não sobrepõem sua força e sua habilidade, é possível sentir a alteridade da água em que se banha. E “não é apenas liberdade do medo: é possivelmente agradável” (Idem, p. 39). O que gostaria de evidenciar, neste ponto, é que a liberdade, na contemporaneidade, se constitui em uma relação de poder. E como tal, depende de quem é mais forte, das habilidades e recursos materiais que um determinado sujeito possui para efetuar ações. Na equação

sugerida pelo teórico polonês, a viscosidade de outra pessoa seria uma função de suas próprias habilidades e recursos. O que explicaria ainda a mudança do conceito de outro, de estranho, de alteridade, conforme a posição de cada pessoa no jogo social. Como previamente mencionado, o jogo do consumo será melhor trabalhado mais adiante.

No momento, pretendo salientar a idéia de que, ao viajar, o sujeito tem a chance de colocar sua liberdade, enquanto relação de poder, em debate, para o melhor ou o pior. Ao deslocar-se para um ambiente estranho ao seu, grande parte das referências originais sobre a posição desse indivíduo no jogo social se desfaz, fica em suspenso, como se também tivesse sofrido uma pausa temporária. Essa condição permite ao viajante questionar seu próprio processo de constituição identitária, sua troca com estranhos, encontrar-se com o viscoso e entender o quanto sabe ou não nadar nesse ambiente líquido. Seria uma forma de exercitar o convívio com a alteridade a partir do questionamento de sua própria viscosidade.

É bem possível que a viagem não traga necessariamente a “verdadeira ruptura” suscitada por Deleuze, como discutirei no capítulo 5. Porém, pode efetivamente funcionar como uma ruptura na corrida incessante na condição de um sujeito que deve estar permanentemente em movimento, na busca por um amanhã que nunca se transforma em hoje. A viagem pode ser uma via para se chegar a recortes desse amanhã, ainda que como experiência efêmera.

Se uma viagem funcionará ou não como ruptura, como ponte para o encontro com o outro, como instrumento para o auto-questionamento e a lapidação do incessante processo de constituição de identidade, dependerá diretamente do viajante. Uma vez mais, irá variar conforme a condição e as habilidades desse jogador em seus deslocamentos. E de tal maneira que se pode delinear diferentes perfis de viajantes e turistas no cenário contemporâneo, como irei descrever.

3.3. Viajante ou turista?

É fundamental sublinhar que quem viaja tem a oportunidade de experimentar papéis diferentes aos que desempenha em sua rotina; seja como forma de auto-afirmação identitária ou de vivenciar o que não se tem oportunidade de ter no dia-a-dia. Neste caso, valem experiências extremas, no sentido de experimentar o que está acima ou abaixo da posição original do sujeito na teia social. Do milionário que

escolhe uma temporada de trabalho voluntário em uma comunidade pobre a um viajante menos favorecido que economiza para passar uma noite em um hotel de luxo.

A principal vantagem do turista em viagem, na visão de Bauman (1998), seria o fato de ele se deslocar dentro do que chamou de uma “bolha de osmose controlada”. Ele preserva a regra número um do jogo: a mobilidade. No entanto, faz isso a atrelando de maneira indissociável à liberdade.

Os turistas que valem o que comem são os mestres supremos da arte de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes e acima de tudo, eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo. O turista guarda sua distância, e veda a distância de se reduzir à proximidade. É como se cada um deles estivesse trancado numa bolha de osmose firmemente controlada; só as coisas tais como as que o ocupante da bolha aceita podem verter para dentro, só coisas tais como as que ele ou ela permitem sair podem vazar. Dentro da bolha o turista pode sentir-se seguro: seja qual for o poder de tração do lado de fora, por mais aderente ou voraz que possa ser o mundo exterior, o turista está protegido. Viajando despreocupadamente, com apenas uns poucos pertences necessários à garantia contra a inclemência dos lugares estrangeiros, os turistas podem sair de novo a caminho, de uma hora para outra, logo que as coisas ameaçam escapar de controle, ou quando seu potencial de diversão parece ter-se exaurido, ou quando aventuras ainda mais excitantes acenam de longe. O nome do jogo é mobilidade: a pessoa deve poder mudar quando as necessidades impelem, ou os sonhos solicitam. A essa aptidão os turistas dão o nome de liberdade, autonomia ou independência, e prezam isso mais do que qualquer outra coisa, uma vez que é a *conditio sine qua non* de tudo o mais que seus corações desejam. Este é também o significado de sua exigência mais freqüentemente ouvida: ‘Preciso de mais espaço.’ Ou seja, a ninguém será permitido discutir o meu direito de sair do espaço em que atualmente estou trancado. (Idem, p. 114)

O trecho acima destaca dois pontos de especial interesse para esta pesquisa. O primeiro é a sugestão de que o turista tem o trunfo de destemporalizar o espaço social. Ele consegue a façanha de viver em uma espécie de presente contínuo. É o exercício prático da principal regra do jogo na pós-modernidade, a mobilidade. Essa sensação de presente continuado, livre do para frente e do para trás, dá ao turista a reconfortante sensação de estar no controle da situação.

O outro ponto é essa qualidade do turista de estar dentro e fora de um lugar ao mesmo tempo, que toca em profundidade a questão do hibridismo, o processo relacional do viajante com o destino visitado, sua interação (ou não) com a cultura e as pessoas locais. São essas “qualidades” do turista que discutirei ao tentar traçar

distintos perfis de viajantes, partindo de uma divisão inicial proposta por Zygmunt Bauman, que diferenciou turista e vagabundo como metáforas da pós-modernidade.

4. VIAGENS E CONSUMO

“O eixo da estratégia da vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se, mas evitar que se fixe. E o turista é a epítome dessa evitação”. (Bauman, 1998, p. 114)

Se a mobilidade do jogador é o que conta no processo de constituição identitária do sujeito na contemporaneidade, acredito ser pertinente localizar essa discussão no contexto das viagens. Neste sentido, gostaria de fazer um recorte na reflexão sobre o grau de mobilidade que esse sujeito pós-moderno tem no jogo observando a maneira como ele pode transitar entre os perfis de turista e vagabundo propostos por Bauman (Idem) como personagens extremos e metáforas contemporâneas. Em “Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade”, o teórico já deixa claro no título do artigo em que extremos estão posicionadas cada uma das duas figuras a serem descritas. O turista é apresentado como alguém livre, autônomo e independente, capaz de alterar seus caminhos conforme estes se desenhem a sua frente e, sobretudo, segundo sua vontade.

Os turistas se tornam viajantes e colocam os sonhos da nostalgia acima das realizações da casa – porque eles exigem isso, porque eles o consideram a mais razoável estratégia de vida “sob as circunstâncias”, ou porque foram seduzidos pelos prazeres verdadeiros ou imaginários de uma vida de quem acumula sensações. (Ibidem, p. 117)

O vagabundo, por outro lado, seria o avesso desse turista, aquele que vaga por absoluta falta de autonomia, desejo ou liberdade para guiar seus próprios passos. A descrição do turista se encaixa efetivamente na mais privilegiada posição que se poderia desejar no jogo contemporâneo. Ele está em constante movimento em um ambiente onde o que conta é a habilidade de se mover sempre. Mas é justamente ao tocar a questão do “estar em trânsito” que, para avançar em minha posição, escolho deter-me no primeiro tipo definido por Bauman, o turista. E enxergo nele a constituição de duas vertentes originadas no ambiente da pós-modernidade, em especial pelo permanente processo de (auto)questionamento vivido pelo sujeito deste tempo.

As subdivisões do perfil de turista seriam, de um lado, aquele cuja constituição é perpassada pela experiência híbrida, daquele viajante que se desloca,

que muda de lugar criando raízes em seus destinos, seja como imigrante ou veranista, sem, entretanto, chegar ao papel de vagabundo – do expatriado, do exilado, do imigrante – daquele se desloca por falta de opção. De outro está seu contraponto, naqueles que se encaixam no conceito de extraterritorialidade (Bauman, 2003), os que integram uma espécie de nova elite global, que têm como endereço seu e-mail e seu telefone celular. Suas referências já são elas mesmas atreladas a seu constante movimento. Esses viajantes são em grande maioria executivos, que cruzam o planeta em viagens que percorrem um circuito de *não-lugares* – de escritórios a restaurantes, passando pelo hotel e o aeroporto, uma espécie de local-ícone desta definição. No entanto, são eles também turistas integrados a roteiros de viagens processados e condicionados pelos efeitos da mercadorização e, onde eu pretendia finalmente chegar, da musealização. “A planejada obsolência da sociedade de consumo encontra seu contraponto na museumania” (Huyssen, 1996, p. 223).

Ficam assim definidos dois perfis de turistas a serem debatidos: o híbrido e o extraterritorial. Gostaria de frisar que, diferentemente das definições de turista e vagabundo propostas por Bauman, os perfis que sugiro não são necessariamente avessos um ao outro, mantendo uma ponte entre eles, que permite o trânsito do viajante entre os dois.

4.1. Turistas e musealização

Andreas Huyssen (2000) defende que a combinação da cultura da memória com o fenômeno da musealização funciona como uma “proteção contra a obsolência e o desaparecimento” enfrentados pelo sujeito contemporâneo, como um mecanismo para combater a ansiedade trazida pela velocidade de mudança e o encolhimento dos horizontes de espaço-tempo. Em outras palavras, o museu compensaria a perda da estabilidade desse sujeito instável, oferecendo a ele formas tradicionais de identidade, ao simular que essas tradições culturais não foram atingidas pela modernização. A priori, nada mais seria que uma tentativa de libertação do vazio cotidiano a partir da reivindicação de um sentido de tempo e memória, como explica o teórico.

Nesse contexto, a memória surge justamente como uma espécie de âncora no tempo instável e no espaço fraturado. Um canal para combater o medo e o perigo

do esquecimento pelo uso de estratégias de sobrevivência de rememoração pública e privada. A memória hoje representaria, principalmente, uma busca narrativa de sentido, pela idéia de memória coletiva, sempre condicionada por uma forma de banco de repertórios midiáticos absorvidos ao longo da vida dos indivíduos e das sociedades.

Esse museu contemporâneo, entretanto, precisou ele próprio se reinventar como conceito, instituição e instalação, para se adaptar ao novo perfil de público trazido pela modernidade, para então funcionar como mecanismo de contraponto à perda de estabilidade das tradições vividas e, mais profundamente, de identidade. Para crescer como alento ao mal-estar contemporâneo e aliviar a ressaca resultante da vivência da aceleração cultural em paralelo a uma imensa sobrecarga informacional. “Quanto mais rápidos empurrados para o futuro global que não inspira confiança, mais nos voltamos para a memória” (Idem, p. 32).

Ainda segundo Huyssen, o museu, enquanto instituição cultural, acompanhou a mudança de perfil de seus freqüentadores agora ávidos por experiências enfáticas, iluminações instantâneas, megaeventos e espetáculos de sucesso em oposição a uma criteriosa apropriação de conhecimento cultural. Foi de santuário acessível a poucos privilegiados a templo de cultura de massa. O mesmo ocorreu com as viagens, hoje popularizadas pelo turismo de massa. O mais importante, porém, é destacar que, assim como o museu foi mastigado pelo distúrbio da Modernidade, no mundo moderno, nada escapa à lógica da musealização. A mercadorização da memória, o frenesi de produção e comercialização de *memorabilia* de todos os tipos, sejam elas referentes a passados reais ou imaginários. A idéia é – na direção oposta ao que se via no início da modernidade quando o foco estava na busca pelo futuro – fazer da memória uma preocupação central na cultura e na política das sociedades ocidentais. Usar o passado como frente na guerra contra os futuros presentes.

A aplicação do discurso da memória nos mais diversos âmbitos me permite retomar o tema de minha pesquisa, as viagens, inseridas na indústria do turismo.

O discurso atual da cidade como imagem é o dos ‘pais da cidade’, empreendedores e políticos que tentam aumentar a receita com turismo de massa, convenções e aluguel de espaços comerciais. O que é central para este novo tipo de política urbana são os espaços estéticos para consumo cultural, *megastores* e megaeventos museicos, festivais e espetáculos de todo tipo, todos tentando atrair novos tipos de turista – desde o visitante de feriado até o incansável caminhador metropolitano, que vieram substituir o velho modelo do ocioso *flâneur*. O *flâneur*, mesmo sendo um *outsider* em

sua própria cidade, sempre figurou como um habitante, em vez de um viajante sempre em movimento. Mas, hoje em dia é ao turista, mais que ao *flâneur*, que a nova cultura da cidade quer apelar, ao mesmo tempo que teme o indesejável duplo do turista: o migrante expatriado. (Ibidem, p. 91).

Também Huyssen identifica perfis de viajantes, ao se referir ao *flâneur* pós-moderno, este mais de acordo com o turista híbrido que mencionei anteriormente, e ao migrante expatriado, já como sinônimo do vagabundo descrito por Bauman. Nada mais mercadorizado que a imagem e a estrutura turística urbana de capitais como Paris, Nova York e Barcelona, e a parafernália midiática que transformam seus prédios e ícones arquitetônicos em outdoors luminosos à espera de turistas. O *foyer* do museu do Louvre funciona quase como um misto de galeria adicional e fábrica de memorabilia, onde se pode comprar os mais variados artigos ligados ao acervo do museu, como reproduções de obras de arte, livros, louça e guarda-chuvas. Sem esquecer dos itens ligados a novas tecnologias como DVDs e jogos interativos, além dos já ordinários audioguias usados para encurtar a visita da multidão que se acotovela pelos corredores do museu francês para garantir uma foto ao lado da Vênus de Milo ou da Monalisa. Esta é, afinal, prova irrefutável de que aquele visitante passou por ali.

4.1.1. Mercadorização e reencantamento

Neste ponto, gostaria de voltar aos dois perfis de turista previamente mencionados: os de viajantes híbrido e extraterritorial. A começar por este último, que seria o mais flagrantemente “mercadorizado”. Seria o turista dos pacotes de viagens formatados em excursões ou não, aquele que menos vivencia e mais fotografa o roteiro para, depois, ao regressar para casa, catalogar as imagens, montar álbuns, fazer longas apresentações aos amigos e contar detalhes sobre como era bonito ver tudo aquilo que, na verdade, viu principalmente através das lentes de sua câmera ou da janela do ônibus turístico. Ou ainda percorrer sobre o padrão da rede de hotéis usada em todo o roteiro, sempre com quartos iguaizinhos; ou ainda as pizzarias e fast-foods onde comeu mais uma vez, entre passeios e compras, os sabores já longamente familiares. A voracidade que move o roteiro – do tipo “o máximo de destinos no mínimo de dias” ou “como conhecer um grande museu em apenas meia-hora” – é a mesma do impulso de consumo.

Longe de ser uma descrição estigmatizada, a definição acima procura tão simplesmente apontar um perfil de turista formatado pela experiência da modernidade musealizada. Falar de uma experiência de viagem integralmente talhada pelo acervo de referências midiáticas acumuladas por esse sujeito e da secessão em relação à cultura e à diversidade do local por onde passa. Sua percepção de lazer, de viagem está indissociavelmente ligada à experiência espetacular de consumo, de luzes, compras, instantaneidade, tão perecível quanto o ritmo do cotidiano contemporâneo em que se vê o presente se evaporar.

Esse turista tem imensos pontos em comum com os executivos sagazmente batizados pela empresa aérea inglesa Virgin Atlantic, em campanha de marketing realizada em 2005, como Jetrossexuais¹⁰, numa atualização dos Jetsetters de outrora, visto que hoje, não há status maior que a condição de alguém que transita permanentemente (de avião) pelo planeta. Os jetrossexuais seriam homens e mulheres de negócios que viajam para decidir o futuro de suas empresas. A Virgin os definiu como pessoas que têm como rotina rodar o mundo a trabalho e que já não ligam para barreiras de tempo e espaço. São aqueles que deixam a terra firme diariamente para tocar o mundo dos negócios e da cultura adiante. Passaporte sempre em mãos; hoje Nova York, amanhã Cingapura, depois Angola.

Embora a empresa aérea defenda que os jetrossexuais são a tradução de um novo comportamento, pessoas empreendedoras e que absorvem e propagam a cultura de diversos lugares conforme viajam, talvez possamos encaixar a maioria delas na descrição dos sujeitos extraterritoriais de Bauman. Segundo a qual eles seriam a premissa dessa secessão à diversidade local, os senhores dos não-lugares. Pois, nesse caso, o que importa não é aonde esses executivos estão e sim que eles lá estão.

O conceito de não-lugar foi elaborado pelo antropólogo francês Marc Augé. Ao contrário do lugar, espaço identitário por sua característica antropológica, relacional e histórica, os não-lugares são estéreis no que diz respeito a essas referências. São espaços de passagem despidos da possibilidade de dar forma a outros tipos de identidade. No que tange o tema desta pesquisa, tem como exemplos aeroportos, shopping centers e parques temáticos, áreas cujo formato segue um padrão pré-estabelecido independente da localidade onde estejam

¹⁰ Mais sobre o termo no capítulo 7 desta pesquisa.

instaladas no planeta. Em maior escala, os não-lugares são espaços de trânsito, valendo igualmente para auto-estradas, rodoviárias e campos de refugiados.

O que chama minha atenção é perceber que, ao lado desse turista extraterritorial, existe um outro que, embora não seja inteiramente seu avesso, repito, parece vivenciar a experiência trazida pelo contexto da musealização e da recuperação da memória de outra maneira. Sua principal característica é ter algo de híbrido em sua constituição. Ele pode, inclusive, ser também um desses executivos jetrosssexuais, mas que, em suas andanças pelo mundo, rompe o isolamento dos não-lugares e mergulha em outro tipo de viagem de rememoração.

Talvez, este impulso venha, em grande parte, do fato de que a aceleração contemporânea parece empurrar o sujeito cada vez mais rápido para o futuro global. A falta de confiança nesse futuro, entretanto, estimula paradoxalmente esse sujeito a se voltar cada vez mais para a memória e nutrir um desejo de ralentar. E atento a essa necessidade, todo um segmento turístico talha programas para tirar os viajantes da conturbada aceleração urbana, oferecendo-lhe a possibilidade de viajar na velocidade do tempo próprio de cada local. A Butterfield & Robinson¹¹, empresa canadense de viagens ativas, por exemplo, tem como slogan “Slow down to see the world” (Reduza o passo para ver o mundo). E coloca sua teoria em prática oferecendo exclusivos roteiros de bicicleta ou caminhando por paisagens que vão da Toscana ao Camboja, para falar com as pessoas e sentir os cheiros do caminho, à moda antiga. O conforto e a logística que envolvem o roteiro, contudo, são os mais contemporâneos possíveis, incluindo privilégios como o de visitar coleções privadas, fazer degustações com chefs renomados, conhecer museus depois do horário de fechamento ao público.

Pesquisas conduzidas pela Organização Mundial do Turismo (WTO, na sigla em inglês), apontam uma mudança no perfil do viajante internacional, sobretudo depois dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Segundo o levantamento, o turista de hoje teria um interesse crescente por viagens ativas, percursos de bicicleta ou caminhadas, para conhecer de perto não apenas lugares, mas seus habitantes e costumes. São as chamadas viagens de experiência – haveria termo mais adequado ? – que vão da convivência com a genuína cultura e gente local a trabalhos voluntários. (WTO World Tourism Barometer. Madri, v. 1, no

¹¹ Mais informações sobre a empresa no capítulo 7 desta dissertação.

1, 2003. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org/facts/menu.html>>. Acesso em 2 de agosto de 2007).

Pode-se argumentar que também esses viajantes estão ávidos por um canal que possibilite uma espécie de reencantamento do mundo, como escape aos fracassos trazidos pela experiência moderna. Tanto eles quanto os turistas extraterritoriais, apesar de seguirem por trilhas distintas, planejam suas viagens em busca de *wish images*, das imagens do desejo – hoje fortemente midiaticizadas – carregadas de mitologias de felicidade. E essa felicidade poderia estar em outra cidade, ou país, ou experiência de cunho social ou cultural. Pois, ainda no caminho sinalizado por Huyssen, a musealização traz a autoconsciência de cidades muito fortes e cada vez mais desmistificadas quanto mais registradas. Paris é um ótimo exemplo. Não é preciso ir até a Cidade Luz para “conhecê-la”. Nosso repertório midiático já dá conta de uma ampla representação da capital francesa, das imagens de suas ruas, a monumentalidade de seu acervo cultural, o passo apressado dos parisienses no vaivém do metrô, a atmosfera dos cafés...

4.2. Desaceração e ritualidades

Acredito que esse processo – a tentativa de desacelerar – motiva o sujeito contemporâneo (aqui, o viajante híbrido) a querer viajar para outros lugares que, de alguma maneira, não integrem esse repertório, ao menos, não completamente. Eles partem em busca de uma experiência livre da saturação de consciência contemporânea, da hiperinformação. Como uma busca possível por uma vivência real e não midiaticizada. No entanto, é difícil pensar no que seria hoje – se é que existe essa possibilidade – uma experiência despida de mídia e dos efeitos da globalização e todo o movimento trazido pela quebra da barreira espaço-tempo.

É possível considerar que essa síndrome da memória da indústria cultural contemporânea alimente esse desejo por experiências originais como possibilidade de encontrar “ilhas” de encantamento, que permitam uma viagem não apenas geográfica, mas no tempo. De volta a um passado de segurança, de ritualidade e menos transitório. E, para isso, pode se fazer de todo o planeta um imenso museu.

Se o museu é visto como paradigma-chave das atividades culturais contemporâneas, funcionando como um espaço híbrido (!) entre a diversão pública e a loja de departamentos (Huyssen, 1996), tampouco falha em funcionar como

espaço para a reflexão e a memória contra-hegemônica. “Permite aos modernos negociar e articular uma relação com o passado, com o transitório e com a morte” (Idem, p. 226). E isso vale para os dois perfis de turistas descritos neste trabalho. Meu raciocínio parte do fato de o museu compensar a perda de estabilidade do sujeito contemporâneo, por oferecer a ele formas tradicionais de identidade, ao simular que essas tradições culturais foram poupadas dos efeitos da modernização.

Os objetos do passado sempre chegaram ao presente através do olhar que os captou; a sedução e o segredo que eles contêm nem sempre estão presentes no objeto em estado de pureza, como haveriam de estar, mas se encontram quase sempre no espectador e no presente. É o olhar vivo que atribui aura ao objeto, apesar de essa aura depender da materialidade e da opacidade deste. (Ibidem, p. 247)

Também na viagem é o olhar vivo do viajante que atribui “aura” às vivências que vai experimentar e objetos que irá encontrar em seu percurso.

O foco nos passados presentes está diretamente ligado ao cotidiano cada vez mais despido de rituais e de estabilidade. Mas onde encontrá-los? Em outros modelos de comunidades? Seriam estas comunidades imaginadas? Ou seria possível encontrar, em viagens (de longa, média ou curtíssima distância), fragmentos de cidades/comunidades que se aproximam dessas imaginadas? Ou de tentar, em visitas planejadas, desfrutar de cenários não ameaçados pela instabilidade presente?

O afastamento de Fidel Castro do comando de Cuba, segundo operadoras brasileiras de turismo especializadas no destino caribenho, está desencadeando uma corrida turística à ilha de bandeira comunista. A motivação desses viajantes é única: conhecer Cuba antes da morte de seu ditador e das transformações que virão em seu futuro incerto. Há sim, nesta leva, os extraterritoriais que buscam no destino tão somente as praias azuis da zona-resort de Varadero. E há, em paralelo, os que querem esmiuçar a monumental arquitetura-escombros de Havana, se instalar em hospedagens domiciliares e viajar pelo interior do país, visitando escolas e hospitais. Não seria esta uma tentativa de recodificação de passado? De experimentar os efeitos da revolução cubana, a despeito do tempo que separa a pobreza desbotada de hoje do rosto jovem e promissor da mudança transgressora de quase 50 anos atrás? De toda forma, é preciso lembrar que a comunidade imaginada se alimenta justamente de sua diferença com a realidade (Bauman, 2003). E que, as

comunidades de hoje tornam a contradição entre segurança e liberdade mais visível e difícil de ser revertida.

É claro e entendido que o museu não pode compensar os estragos trazidos pela modernidade. Como explica Huyssen citando as idéias do teórico francês Henri Pierre Jeudy:

Jeudy está correto ao afirmar que seria uma ilusão coletiva acreditar na possibilidade de os museus neutralizarem o medo e a angústia sobre o mundo real. Assim ele rejeita implicitamente a noção conservadora na qual o museu compensaria os estragos da modernização. Ele também reconhece o processo pelo qual o museu passou da mera acumulação para a *mise-em-scène* e a simulação. Entretanto, nem ele nem Baudrillard foram capazes ou se interessaram em abrir o movimento dialético desse processo. O conceito de simulação os impede de determinar as diferenças que poderiam surgir desse debate quando sugere que as relíquias e os resíduos culturais são ambivalentes, pois representam simultaneamente a garantia simbólica da identidade e a possibilidade de sair dessa identidade. (Huyssen, 1996, p. 246)

As viagens tampouco podem neutralizar permanentemente o medo e a angústia do mundo real e os estragos da modernização. Entretanto, são um caminho para experimentar a ambivalência suscitada por Huyssen, funcionando como uma vitrine e um espaço para interação com uma diversidade de relíquias, signos e resíduos culturais. Poderiam ser vistas como uma espécie de respiradouro, um espaço que permite ao sujeito contemporâneo escapar, mesmo que por um limitado período de tempo, da instabilidade de seu cotidiano e do exaustivo e incessante processo de (re)constituição de sua identidade, para viver uma experiência de maior estabilidade e de contato com outras identidades. Em viagens, o sujeito pode até trocar os riscos e inseguranças que experimenta rotineiramente por outros estranhos a ele. Ainda assim, terá a oportunidade de, ao se deslocar de sua realidade e visitar outras, desde que aberto a não só enxergar como trocar com diferenças que pontilharão o roteiro, questionar as práticas cotidianas de pertencimento social e as formas como imagina pertencer a uma comunidade específica. Ele tem a chance de rever a maneira como organiza seu acervo pessoal de experiências e memória. Ou, mais além: de garantir simbolicamente sua identidade ou de sair dela. Como na comparação que faz entre as exposições permanente e temporária nos museus:

A velha dicotomia entre coleção permanente de museu e exposição temporária não pertence mais à discussão, uma vez que a coleção permanente está cada vez mais sujeita a rearranjos temporários e a viagens

de longa distância, enquanto as exposições temporárias são registradas em vídeos e em luxuosos catálogos, constituindo assim uma coleção permanente particular que pode também circular. (Idem, p. 223)

5. A RELAÇÃO COM A IDENTIDADE

Ao falar de um perfil de viajante híbrido, fica clara a importância do hibridismo para o debate proposto por esta dissertação. Stuart Hall defende que a globalização teria implementado uma lógica cultural de tradução, colocando o multiculturalismo em posição-chave no movimento dos indivíduos no jogo contemporâneo. O interessante é, principalmente, perceber como o multiculturalismo – essa crescente mistura cultural em evolução – funciona, simultaneamente, como fator de estímulo e de impedimento ao desenvolvimento das viagens e do livre trânsito de viajantes pelo mundo. A situação cultural do sujeito determina hoje se ele pode ou não deixar o lugar onde vive para viajar e retornar a ele; se é impossibilitado de partir ou obrigado a fazê-lo. Sem dúvida, este contexto tem imenso peso na maneira como o sujeito negocia a constituição de sua identidade, como se movimenta ou não no jogo.

5.1. O quebra-cabeça identitário

Amin Maalouf nasceu no Líbano em 1946. De família árabe-cristã, fala a língua sagrada do Islã, apesar de não seguir a religião muçulmana. Em 1976, ele emigrou para a França, onde vive desde então. Firmou-se como jornalista, historiador e romancista. Desde a mudança, uma pergunta em particular chega costumeiramente a seus ouvidos: “Você é francês ou libanês?”, há sempre alguém a questioná-lo. A resposta de Maalouf à incontornável indagação é única:

‘L’un et l’autre!’ Non par quelque souci d’équilibre ou d’équité, mais parce qu’en répondant différemment, je mentirais. Ce qui fait que je suis moi-même et pas un autre, c’est que je suis ainsi à la lisière de deux pays, de deux ou trois langues, de plusieurs traditions culturelles. C’est précisément cela qui définit mon identité. Serais-je plus authentique si je m’amputais d’une partie de moi-même? (Maalouf, 1998, p. 7)¹²

¹² “‘Nem um nem outro!’ Não por alguma cautela de equilíbrio ou equidade, mas porque se respondesse diferentemente, estaria mentindo. O que faz com que eu seja eu mesmo e não um outro, é o fato de estar na fronteira de dois países, de duas ou três línguas, de diversas tradições culturais. É precisamente isso que define a minha identidade. Seria eu mais autêntico se amputasse uma parte de mim mesmo?”

Esta primeira explanação do teórico, contudo, costuma resultar em uma nova pergunta: “Então você é metade francês e metade libanês?” E para qual a contra-argumentação está igualmente pronta:

‘Pas du tout!’ L’Identité ne se compartimente pas, elle ne se répartit ni par moitiés, ni par tiers, ni par plages cloisonnées. Je n’ai pas plusieurs identités, j’en ai une seule, faite de tous les éléments qui l’ont façonné, selon un dosage particulier qui n’est jamais le même d’une personne à l’autre. (Idem, p. 8)¹³

O sociólogo Zygmunt Bauman nasceu em 1925 na Polônia, de família judia não praticante. Vive desde 1971 na Inglaterra, para onde escapou da perseguição anti-semita do Partido Comunista Polonês. Alguns anos atrás, ele esteve em Praga para receber o título de Doutor Honoris Causa na Universidade de Charles. Pela tradição, na solenidade deveria ser executado o hino do país de nacionalidade do agraciado. No caso de Bauman, entretanto, a escolha desse hino não se mostrava a tarefa fácil que comumente se poderia esperar. Estava armada a cilada. O pensador não sabia que hino escolher, o da Polônia ou o da Grã-Bretanha:

A Grã-Bretanha foi o país que escolhi e pelo qual fui escolhido por meio de uma oferta para lecionar, já que eu não poderia permanecer na Polônia, país em que nasci, pois tinham me tirado o direito de ensinar. Mas lá, na Grã-Bretanha, eu era um estrangeiro, um recém-chegado – não fazia muito tempo, um refugiado de outro país, um estranho. Depois disso naturalizei-me britânico, mas, uma vez recém-chegado, será possível abandonar essa condição algum dia? Eu não tinha a intenção de que me confundissem com um inglês, e meus alunos e colegas jamais tiveram dúvida de que eu era um estrangeiro, mais exatamente um polonês. Esse tácito ‘acordo de cavalheiros’ impediu que a nossa relação viesse a se exacerbar – pelo contrário, fez com que fosse uma relação honesta, tranqüila e, no geral, transparente e amigável. Então, talvez devessem tocar o hino polonês? Mas isso também significaria um ato de fingimento: trinta e tantos anos antes da cerimônia de Praga eu tinha sido privado de minha cidadania polonesa. Minha exclusão foi oficial, promovida e confirmada pelo poder habilitado a separar quem está ‘dentro’ de quem está ‘fora’, quem faz parte de quem não faz – e assim eu não tinha mais direito ao hino nacional polonês... (Bauman, 2005, pp. 15-16)

Por sugestão de Janina, esposa de Bauman, a solução para o dilema veio na escolha do hino da Europa, uma espécie de entidade que não só abarcava os dois

¹³ “‘De jeito nenhum!’ A identidade não se compartimenta, ela não se reparte nem em metades, nem terças partes por pistas separadas. Eu não tenho várias identidades, mas uma única, feita de todos os elementos que a formaram, segundo uma dosagem particular que nunca é a mesma de uma pessoa para outra.”

pontos de referência da identidade do teórico – tanto a Polônia quanto a Grã-Bretanha ficam no continente Europeu – mas também, de alguma maneira, anulava as diferenças entre as duas e também uma possível “cisão identitária”. Sobretudo, essa escolha pelo hino europeu “tirava de pauta uma identidade definida em termos de nacionalidade. O tipo de identidade que me foi negado e tornado inacessível” (Idem), explicou Bauman¹⁴.

Bauman, Maalouf, Hall, Rushdie... É extensa a lista de intelectuais cujas histórias podem ser lidas como exemplos do conceito que ganhou importância fundamental na formação identitária na contemporaneidade, o hibridismo. Stuart Hall, jamaicano que vive na Inglaterra, explica que, com culturas cada vez mais mistas e diaspóricas, a globalização trouxe consigo uma lógica cultural de tradução. Uma lógica que impõe a essas pessoas, ainda segundo o pensador, aprender a habitar ao menos duas identidades simultaneamente, falar duas linguagens culturais, traduzir e negociar entre elas. O fundamental aqui é ressaltar que essa tradução cultural, como a formação da identidade na pós-modernidade, é um processo sem fim, permanentemente em construção.

De uma forma curiosa, o pós-colonial prepara o indivíduo para viver uma relação ‘pós-moderna’ ou diaspórica com a identidade. Desde que a migração se tornou o grande evento histórico mundial da modernidade tardia, a experiência diaspórica se tornou a experiência pós-moderna clássica. (Hall, 2003, p. 416)

5.2. O hibridismo

Todos esses teóricos têm suas identidades compostas por uma combinação de vivências culturais distintas, em geral resultantes de migrações ou de intenso trânsito entre duas ou mais culturas. Todos se dedicam, cada um a seu modo, a debater os mecanismos de desencaixe que permeiam e envolvem a questão identitária.

É consenso entre eles a idéia de que a experiência multicultural é, por princípio, enriquecedora e fértil, desde que o indivíduo que a experimenta tenha

¹⁴ Na introdução de “O mal-estar na pós-modernidade”, Bauman fala sobre as pazes com sua origem: “Este livro tem uma significação especial para mim, já que, neste último quartel do século, foi a primeira vez que escrevi alguns capítulos originalmente em polonês, minha língua de origem, assim como os apresentei e discuti com professores e estudantes poloneses. Meus laços com minha *Alma Mater*, a Universidade de Varsóvia, foram restaurados”.

liberdade para vivê-la de maneira plena. E a questão está justamente aí, na quase impossibilidade de grande parte dos sujeitos híbridos desfrutarem de tal liberdade, que é condição garantida aos viajantes híbridos. A consequência, como defende Maalouf, é que a identidade desse sujeito acaba por atrofiar-se em uma experiência traumatizante. A razão para isso estaria no fato de que cada face de uma identidade, se assumida em separado dos demais pertencimentos que a compõem, reverte-se em condenações do sujeito (Maalouf, 1998). Daí minha escolha de não incluir os “vagabundos” de Bauman, os exilados, excluídos, expatriados nos perfis tratados por esta pesquisa, concentrando-me naqueles para quem o ato de viajar é, antes de tudo, uma escolha livre.

Foi justamente esse senão que levou o escritor libanês a escrever “*Les identités meurtrières*” (1998). Em especial motivado por uma terceira pergunta costumeiramente ouvida em sequência as outras duas já mencionadas anteriormente e que insiste: “Mas lá no fundo, qual a sua verdadeira identidade?”. Essa formulação, a idéia de que em algum lugar bem íntimo existe uma identidade predominante às demais, para Maalouf, deixa clara a maneira como a soma de experiências na constituição identitária é, na verdade, desprezada pela maioria das pessoas. Seria justamente essa idéia pré-concebida o grande risco àqueles de identidades compostas, devido à busca obsessiva da escolha de uma identidade única e fundamental, seja ela de caráter religioso, nacional, racial ou étnico. Vem daí o uso da expressão “identidades assassinas”. O autor entende que, ao se reduzir a identidade de um sujeito a um só pertencimento, por exclusão dos demais, chega-se a uma identidade partida, proclamada com raiva e que, conseqüentemente, adquire potencial, em última estância, assassino. Ela acaba funcionando como justificativa para a prática de crimes em nome de uma identidade étnica, nacional, religiosa ou outra qualquer.

Para trabalhar esse extremo recorte, o autor concentra-se na questão do fundamentalismo no mundo árabe. E discorre sobre razões, contextos, consequências e, sem menor importância, sobre caminhos alternativos e que poderiam levar a uma realidade melhor. Apesar de descrever uma tragédia sociocultural e política no mundo árabe, Maalouf não apenas confia em um desfecho positivo à emboscada identitária, como enxerga na origem do problema também sua solução.

des êtres frontaliers, en quelque sorte, (sont) traversés par des lignes de fracture (...). En raison de cette situation, que je n'ose appeler 'privilegiée', ils ont un rôle à jouer pour tisser des liens, dissiper des malentendus, raisonner les uns, tempérer les autres, aplanir, raccommorder... Ils ont pour vocation d'être des traits d'union, des passerelles, des médiateurs entre les diverses communautés, les diverses cultures. (Idem, p. 11)¹⁵

Também Hall destaca que, em condições diaspóricas, as pessoas são geralmente obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas, hifenizadas. E destaca que negociar e combinar são vias intransponíveis a esses sujeitos.

Mas o que levou a essa situação? Que fatores e condições criaram o terreno atual que pede a eleição de identidades fundamentais? O confronto com a diferença?

5.3. O que levou a essa situação

A questão das identidades híbridas perpassa não somente o trânsito por diversas culturas, mas também uma espécie de mobilidade em diferentes tempos, metáfora que se revela quase literal tamanha a distância que separa os contextos vividos em diferentes sociedades no mundo hoje. Bauman chama atenção para o fato de que a globalização trouxe mudanças radicais ao cenário planetário, com imensos antagonismos. No que tange à questão identitária, ele desenha o paradoxo de um mundo dividido entre o “cosmopolitismo dourado e a sedutora mobilidade das elites globais”, de um lado, e a miséria dos que não conseguem escapar de suas dimensões locais, de outro. Ou entre os que podem escolher viajar e os que só o farão por absoluta falta de escolha. Assim como Maalouf, o sociólogo polonês acredita na libertação social e entende a identidade como convenção necessária. Embora reconheça a transposição da identidade para a política, como acontece no caso dos fundamentalismos religiosos.

Sobre a idéia de identidade como composição de uma gama de pertencimentos defendida por Maalouf, o sociólogo polonês vai ainda além;

¹⁵ “Os seres fronteiriços, de alguma maneira, são atravessados por linhas de fratura. Em razão dessa situação, que eu não ousou chamar de privilegiada, têm um papel a cumprir para tecer os elos, dissipar os mal-entendidos, tornar alguns mais razoáveis, outros mais temperados, nivelar, reacomodar. Eles têm por vocação serem traços de união (hífens), passerelles, mediadores entre as diversas comunidades, as diversas culturas.”

É preciso compor a sua identidade pessoal (ou suas identidades pessoais?) da forma como se compõe uma figura com as peças de um quebra-cabeça, mas só se pode comparar a biografia com um quebra-cabeça incompleto, ao qual faltam muitas peças. (Bauman, 2005, p. 54)

Ele atém-se ao fato de que a pós-modernidade não permite mais que a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade sejam ocultadas. E que “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto”.

Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (Idem, pp. 17-18)

Ainda assim, ele não deixa de fazer coro com Maalouf, que destaca que a atual obsessão por rótulos identitários – que perpetuam preconceitos perversos – está diretamente ligada a uma concepção arraigada de identidade. Para o autor de “Les identités meurtrières”, a justificativa para que homens se transformem subitamente em assassinos está na concepção tribal de identidade que prevalece ainda nos dias de hoje. Esta seria uma herança de conflitos do passado à qual ainda aderimos por hábito, hesitação ou falta de criatividade. É esta uma das raízes da angústia que nasce da pressão vivida pelo sujeito de reinventar a si mesmo rotineiramente e evitar a fixação da identidade, trabalhando permanentemente em sua constituição.

Insere-se nesse contexto a problemática das hierarquias de poder, da ameaça do medo como motivador à adoção do traço mais frágil de uma identidade como fundamental e superior aos demais. Além da estratificação identitária que, em última instância, resulta em subclasses às quais restam apenas imposições classificatórias, a ausência de identidade. Que seria o caso dos *sans-papiers*, ou de ex-viciados em drogas, refugiados, entre outros exemplos.

O caminho que nos trouxe até este ponto, à discussão sobre essas identidades partidas, está intimamente ligado ao processo de globalização contemporâneo. Para Maalouf, a mundialização – na verdade, a ocidentalização do planeta – funciona para muitos, em especial para aqueles que não integram a esfera hegemônica, como um mecanismo de uniformização empobrecedora e, por isso, também como uma ameaça contra a qual é preciso lutar na tentativa de preservar culturas, identidades e valores próprios. Também Hall partilha deste pensamento, e

vê a ocidentalização como uma força dominante de homogeneização cultural e que ameaça subjugar os demais.

De fato, a globalização – a supressão do espaço-tempo, o capital e a ecologia globais, o surgimento de novas indústrias culturais impulsionado pela ascensão de novas tecnologias de informação, o supermercado cultural – pode funcionar como um sistema planetário pasteurizador e, portanto, desencadeador de desigualdades e instabilidades.

A visão esperançosa de Maalouf, de que entre os choques culturais e identitários trazidos pela globalização existe espaço para uma via alternativa para os que estão subjugados pela hegemonia ocidental, tem espelho em idéias de outros pensadores, como Laclau (1996), que defende que a hibridização pode não representar a perda inegociável de identidade, mas também uma via para o fortalecimento de identidades existentes. Não seria errado supor que esta via pode estar em uma lição específica trazida pela pós-modernidade e que está colocada para além dos processos exógenos ao sujeito.

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (Bauman, 2005, p. 17)

5.3.1. A migração na pós-modernidade

Ao falar sobre a importância de que as pessoas consigam espaço para assumirem seus múltiplos pertencimentos em seu livro “Les identités meurtrières”, Amin Malouf argumenta que suas proposições são as de “um migrante, um minoritário”, mas destaca essa posição como exemplo de uma sensibilidade cada vez mais compartilhada por seus contemporâneos.

N’est-ce pas le propre de notre époque que d’avoir fait de tous les hommes, en quelques sorte, des migrants et des minoritaires? Nous sommes tous contraints de vivre dans un univers qui ne ressemble guère à notre terroir d’origine; nous devons tous apprendre d’autres langues, (...) d’autres codes; et nous avons tous l’impression que notre identité, telle que nous l’imaginions depuis l’enfance, est menacée. (Maalouf, 1998, p. 47)¹⁶

¹⁶ “Não é próprio de nossa época ter feito de todos os homens, de alguma forma, migrantes e minoritários? Somos todos obrigados a viver em um universo que em nada se parece com nossa terra de origem, nós devemos

Talvez a globalização efetivamente tenha trazido, em maior ou menor grau, uma sensação de migrante a um grande número de pessoas. Seja pela sensação de ser um estranho em seu próprio país ou em outro estrangeiro. Stuart Hall mergulha com ainda mais profundidade no tema. Para ele, o que Simmel definiu como o “estrangeiro familiar”, a experiência de se estar fora e dentro de um lugar, tornou-se condição arquetípica da modernidade tardia (2003). Essa idéia se fundamenta no fato de que, desde que a migração ascendeu como o maior evento histórico mundial da contemporaneidade, a experiência diaspórica se tornou a experiência pós-moderna clássica. O pós-colonial teria preparado o indivíduo para viver uma relação pós-moderna ou diaspórica com a identidade. Neste sentido, seu depoimento – efetivamente biográfico, já que Hall deixou a Jamaica em 1951 para estudar na Inglaterra onde acabou fixando residência – traduz com precisão a experiência do “estrangeiro familiar”.

Eu me senti melhor em relação à Jamaica depois que eles morreram (os pais), pois antes disso, quando eu voltava, tinha que negociar a Jamaica através deles. Depois que meus pais morreram, ficou mais fácil estabelecer uma nova relação com a nova Jamaica que emergiu nos anos 70. Esta não era a Jamaica onde eu tinha crescido. Por exemplo, tinha se tornado culturalmente uma sociedade negra, uma sociedade pós-escravocrata e pós-colonial, enquanto que eu havia vivido lá no final da era colonial. Portanto, pude negociá-la como um ‘estrangeiro familiar’. Paradoxalmente, eu tinha a mesma relação com a Inglaterra. Tendo sido preparado pela educação colonial, eu conhecia a Inglaterra de dentro. Mas não sou nem nunca serei um inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente pra entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada.” (Hall, 2003, p. 415)

As palavras de Hall poderiam ser as de Bauman ou as de Maalouf ou ainda de tantos outros. O interessante aqui é chegar ao ponto que atrai minha atenção: as viagens. Se a migração tornou-se o grande evento histórico mundial da modernidade tardia, como defende Hall, esse mundo de sujeitos híbridos, diaspóricos, transformou a forma como se viaja por ele. Principalmente, a maneira como essas circunstâncias, dentro da globalização, originaram tipos de viajantes característicos e afinados com essa nova organização arquetípica.

6. “V” DE VIAGEM

Há uma bela frase de Proust que pergunta o que fazemos quando viajamos: sempre verificamos algo. Verificamos se aquela cor com que sonhamos está ali. Mas ele acrescenta algo muito importante: ‘Um mau sonhador é aquele que não vai ver se a cor com a qual sonhou está lá. Mas um bom sonhador vai verificar, ver se a cor está lá’. Esta é uma boa concepção de viagem. Do contrário... (O Abecedário de Gilles Deleuze, tradução de Bernardo Rieux, 6 de agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net>>. Acesso em 14 de agosto de 2007).

O trecho acima está em “V de viagem”, um dos vocábulos de “O Abecedário de Gilles Deleuze”, série de entrevistas concedidas pelo pensador francês a Claire Parnet em 1988 e que foram compiladas em vídeo por Pierre-André Boutang. Este é, na verdade, o trecho mais positivo sobre o ato de viajar, segundo a visão de Deleuze. Ele enumera possíveis razões motivadoras de viagens para justificar sua aversão à prática. De início, como mencionei no capítulo 2, destaca o fato de as viagens serem vistas, em geral, como processos de ruptura. Para ele – embora não descarte a possibilidade de que uma viagem possa resultar em uma verdadeira ruptura – trata-se, na maioria das vezes, de uma ruptura falsa, barata. Também não dispensa uma dose de sarcasmo ao citar Beckett para destacar sua pouca simpatia pelo ato, dizendo que “se pode ser idiota, mas não a ponto de se viajar por prazer”. Até que chega ao conceito que desperta minha atenção em particular: o de nomadismo.

Os nômades sempre me fascinaram, exatamente porque são pessoas que não viajam. Quem viaja são os migrantes. Mas os nômades viajam pouco. Há pessoas obrigadas a viajar: os exilados, os imigrantes. Mas estas são viagens das quais não se deve rir, pois são viagens sagradas, são forçadas. Mas os nômades viajam pouco. Ao pé da letra, os nômades ficam imóveis. Todos os especialistas concordam: eles não querem sair, eles se apegam à terra. Mas a terra deles vira deserto e eles se apegam a ele, só podem ‘nomadizar’ em suas terras. É de tanto querer ficar em suas terras que eles ‘nomadizam’. Portanto, podemos dizer que nada é mais imóvel e viaja menos do que um nômade. Eles são nômades porque não querem partir. É por isso que são tão perseguidos. (Idem)

O tema do nomadismo é extensamente discutido em “Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia” (Deleuze/Guattari, 1997) e casa-se harmoniosamente com um dos dois tipos de viajantes que parecem ganhar corpo na contemporaneidade. Como expliquei no capítulo anterior, o primeiro deles seria um viajante de perfil híbrido. Menos por ser um sujeito de identidade diaspórica no sentido mais puro do termo –

como os exemplos de Maalouf e Hall – e mais por ser o de uma pessoa cuja maneira de viajar faz um paralelo ao caminho seguido pelo migrante. É um viajante que vai a um lugar e lá permanece, efetiva trocas, cria laços, transita entre o que é e o que visita (ou escolhe como morada, mesmo que temporariamente, como o fazem aqueles que possuem segundas residências para longas estadas em regiões ou países distintos ao que vivem). Ele faz a ponte cultural e funciona como traço de união entre diversas culturas, como descreve Maalouf. Seriam, em resumo, aqueles que criam laços com seu lugar de destino. Ou, já nas palavras de Gilles Deleuze, os que vão conferir se o que sonharam sobre um determinado lugar assim o é na realidade. Ou simplesmente se o que aprenderam na escola, pela literatura, pela fotografia, pela mídia ou por outros caminhos corresponde a essas descrições.

É importante lembrar que, no mundo globalizado, a presença de elementos de culturas diversas é uma experiência cotidiana. As novas tecnologias da informação, em especial a TV a cabo e a internet, trouxeram para dentro dos lares o dia-a-dia, as paisagens, as notícias de lugares que podem estar do outro lado do planeta. Sem esquecer de mencionar ainda outras vias de contato com culturas estrangeiras, como a gastronomia. Canais de televisão em italiano ou alemão em casa, bistrô francês no seu quarto, restaurante japonês ao lado do escritório. Esse trânsito de informações tornou difícil, para quem viaja, experimentar sensações ou conhecer paisagens efetivamente exóticas, extraordinárias. É como se, ao viajar, se estivesse fazendo efetivamente uma escolha por conhecer *in loco* o que já se conhece na teoria. Foi o que Stuart Hall experimentou ao chegar à Inglaterra.

Ao chegar (...), passei pelas paisagens rurais da Inglaterra que eu nunca tinha visto, mas conhecia. Eu li Shakespeare, Hardy, os poetas românticos. Embora não ocupasse aquele espaço, era como encontrar de novo, em sonho, uma paisagem idealizada já familiar (Hall, 2003, pp. 417-418).

Em uma direção distinta a desse viajante híbrido, haveria o turista extraterritorial. Este, também como já mencionado, não é necessariamente o avesso do primeiro, mas é, sem dúvida, regido por outras motivações. Ele é aquele que viaja por impulsos fortemente ligados a indústria cultural de consumo. E isso pode ser tanto a passeio e, neste caso, é do tipo de turista que compra pacotes turísticos formatados, percorre roteiros monitorados, viaja de ônibus, escolhe restaurantes, cardápios e grifes já familiares. Ele não abre espaço para a novidade, para a troca

efetiva com a cultura local. Sua viagem está intimamente ligada a uma experiência de consumo, seja efetivamente de compras ou do roteiro baseado em um circuito de cartões-postais, de ícones do turismo, de vitrines e espetáculos. Seu duplo, no campo do trabalho, seria o executivo que viaja em negócios pelo mundo.

A questão é que ambos – os turistas extraterritoriais de lazer e de negócios – podem rodar o mundo cumprindo um circuito de referenciais que não variam conforme o lugar que visitam, numa espécie de secessão à diversidade cultural local. É pela experiência de viajar percorrendo uma rede de ambientes já familiares e alheios à diversidade local dos lugares por onde passa que, a priori, poderíamos dizer que este viajante extraterritorial roda o mundo sem sair do lugar, do seu lugar de origem. Apesar das longas distâncias geográficas pelas quais pode se deslocar e da mudança cultural que pode experimentar, ele não o faz. E é neste ponto que gostaria de retomar o conceito de nomadismo estipulado por Deleuze, que define a vida do sujeito nômade como um *intermezzo*, um intervalo.

O nômade não é de modo algum o migrante, pois o migrante vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado. Mas o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto. (Deleuze, 1997, p. 51)

Essa distinção de trajeto não é a única causa ou condição que difere nômades de migrantes. Deleuze destaca que, ao contrário deste segundo grupo, o trajeto nômade “distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto, indefinido, não comunicante” (1997). Não há troca. O nômade transita um espaço sem fronteiras, aberto. Vem daí o conceito de que o espaço nômade é liso, marcado por traços que se apagam tão logo o nômade se desloca, em oposição ao espaço sedentário estriado do migrante, que é cercado, delimitado.

De forma que Deleuze (Idem) afirma, retomando a afirmação de Toynbee, que definir o nômade pelo movimento é um erro, justamente por ele ser alguém que não se move. Seu processo está na pausa. Ele não parte e não quer partir, ao contrário do migrante. E quando se move está sempre sentado.

Para o nômade, (...), é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte. A terra não se desterritorializa em seu movimento global e relativo,

mas em lugares precisos, ali mesmo onde a floresta recua, e onde a estepe e o deserto se propagam. (Ibidem, p. 53)

A figura literal do nômade, em suma, ao mesmo tempo cria o deserto e é criado por ele. “Ele é o vetor de desterritorialização” (Ibidem). Sua imobilidade vem do fato de tanto quererem permanecer em suas terras e tão radicalmente que “nomadizam”. De maneira que, em verdade, são sujeitos imóveis, característica que, ademais, justifica ainda a perseguição de que são habitualmente vítimas.

Também o turista extraterritorial parece, de alguma forma, “nomadizar” em suas andanças pelo mundo. A despeito do quanto possa se deslocar em distâncias, ele parece seguir de maneira a reterritorializar sua desterritorialização. Fazer dos lugares aonde chega, uma vez mais o seu único lugar, o mesmíssimo lugar de onde jamais saiu. E usa uma seqüência de espaços lisos – do quarto do hotel padronizado, passando pelo aeroporto, ao drinque disponível em bares de todo o mundo – para compor o seu deserto planetário.

6.1. Nomadismo e estrangeirismo

Se o turista extraterritorial nomadiza, isso pressupõe, antagonicamente, que a mobilidade do viajante híbrido advém, sobretudo, de sua habilidade de trocar, usar o espaço estriado, entregar-se ao jogo de questionamentos, debates e aprendizados que nasce do contato com a alteridade, da interação com outrem. Como veremos.

6.1.1. Verificando se a cor está lá

Se tomássemos o pressuposto de Gilles Deleuze do que faz uma viagem valer a pena – o ir até lá, verificar se as coisas são da cor com a qual se sonhou – ainda assim seria possível pensar em diferentes desdobramentos desse ato. O turismo tradicional é hoje, em grande medida, de reconhecimento. Citei anteriormente um trecho do guia “Viaje na viagem: auto-ajuda para turistas”, do publicitário Ricardo Freire, enfatizando a sensação de viajarmos a lugares já conhecidos a partir de outras experiências, principalmente midiáticas. É oportuno, porém, destacar que, embora a mídia tenha colaborado agressivamente na “derrubada” das fronteiras geográficas entre as culturas, ao oferecer farto conteúdo sobre os mais diferentes pontos do globo, esse encontro com outras culturas, com

elementos estrangeiros, acontece dentro de nossas próprias casas ou em ambientes próximos e familiares. Esse acesso ordinário a informações sobre outros lugares, hábitos e etc. de forma robusta imprime uma dinâmica de familiarização com recortes de alteridade. Porém, esse contato com o outro – sejam pessoas, culturas ou políticas – se dá de forma asséptica, livre da “contaminação” que o contato com a alteridade em seu contexto e ambiente acarreta. Ele é despido de uma genuína experiência de troca e limitado a pequenos fragmentos daquilo que se vê à distância. Assistir pela TV a um programa sobre a Sibéria não permite que o frio, o odor local, a curiosidade dos siberianos atravesse a tela do televisor e ocupe a casa do sujeito-espectador. Um programa ou uma página na rede de computadores sobre os mais diversos lugares mostra faces daquele destino em debate. E ainda que a referência seja um programa de alta qualidade em termos de conteúdo e produção, tudo o que se vê, de depoimentos a imagens, foi previamente editado e, ao estar ali, presume imensa quantidade de material descartada. Toda essa escolha, esse formato, essa interação asséptica, fazem esse tipo de comunicação – do programa televisivo, passando pelo site na internet até chegar ao restaurante de comida estrangeira – encaixar-se mais em uma concepção de vitrines museicas, de canais de consumo e menos em uma forma efetiva de contato e familiarização. De certo, avistar o Taj-Mahal, cuja imagem é continuamente exibida pelos mídia, pode suscitar sim a sensação de “já conheço este local”. Assim como assistir diariamente a uma telenovela estrelada por Glória Pires pode estimular o ímpeto de correr e cumprimentar a atriz ao avistá-la cruzando uma rua de Paris. A verdade, porém, é que o sujeito não tem qualquer conhecimento genuíno do Taj-Mahal tampouco de Glória Pires.

Esse contato midiaticizado funciona como um molde para a maneira como o sujeito passa a organizar suas experiências do que pode estar por ver em realidade e, mais a fundo, suas trocas quando fora do seu espaço cotidiano. Enfatizo o ponto de que essas representações trazidas pela mídia ou outros canais de consumo prescindem de distorções no que diz respeito ao tema que apresentam. O noticiário, por exemplo, mostra recortes da realidade dos lugares que aborda. O Rio de Janeiro dos telejornais, para nos atermos a um exemplo que nos é próximo, é um lugar entregue à violência e quase inabitável. No entanto, na cidade, a despeito das reais adversidades enfrentadas, a vida segue num cotidiano semelhante ao da maioria

das cidades de mesmo porte: as pessoas compram pão todas as manhãs, as crianças vão à escola, os ônibus circulam com trabalhadores.

O que parece acontecer é que esse recorte midiático ganha contornos de uma verdade completa. O resultado é que, ao nos depararmos com um original, seja o lugar conhecido de um livro ou cartão-postal, a locação de um grande filme ou prato típico tantas vezes degustado no restaurante do bairro, nos vemos em um misto de reconhecimento de algo que nos é familiar, mas não totalmente, e a descoberta de novos fatores que compõem igualmente aquele sonho em sua versão real, em sua cor original.

Vem daí minha curiosidade por outro livro-guia para um novo viajante, que se chama “A arte de viajar”, do pesquisador suíço Alain de Botton. O autor dedica-se, em verdade, a discutir as razões e as formas pelas quais se viaja, deixando de lado as tradicionais discussões sobre para onde ir. No livro, ele dedica-se a todas as fases de uma viagem, da partida ao retorno, falando sobre esse encontro com o objeto real, com a cor real do que se sonhou, à possibilidade de se viajar inclusive sem sair de casa. A narrativa, como no caso do guia de Ricardo Freire, é também diferenciada, combinando experiências próprias às de nomes das artes e da literatura, como Charles Baudelaire e Vincent van Gogh.

O importante, aqui, é que Botton abre seu livro falando sobre a chegada do inverno em Londres, onde vive, e da concomitante chegada a sua casa de um panfleto turístico sobre Barbados, intitulado “Sol de Inverno”. Como descreve, “sua capa mostrava uma fileira de palmeiras, muitas das quais crescendo inclinadas, na areia de uma praia orlada por um mar turquesa, tendo ao fundo montes onde imaginei cachoeiras e alívio do calor à sombra de árvores frutíferas de doce aroma”. Decidiu-se, assim, pela viagem a Barbados. Mais adiante, posteriormente a sua chegada ao destino de férias, ele fala justamente sobre a realidade da viagem nunca corresponder às expectativas. Não por ser melhor ou pior do que se sonha, mas por ser essencialmente diferente e real. Para quem viajou motivado pelas imagens de praias com palmeiras, pôr-do-sol e céu azul, até mesmo o desembarque no aeroporto local parece trazer a esse cenário elementos que, ao se chocarem com a imagem esperada, parecem não pertencer a ele, como a fila do passaporte, o funcionário sisudo da imigração, o posto de gasolina de bandeira estrangeira, a confusão do saguão do terminal de passageiros. Nada disso vinha na foto exibida pelo folheto da agência de viagens, tampouco compunha a imagem criada por

Botton em sua mente. E, ainda assim, a praia de palmeiras, o céu azul e o pôr-do-sol estavam lá.

O que esse exemplo permite considerar, a meu ver, é que o viajante pode escolher entre se aprofundar na realidade multicolorida do que sonhou em tons próprios ou ficar apenas com a palheta de cores previamente recortada, embora jamais tão perfeitamente recortada quanto em sonho, ao chegar a seu destino. Neste sentido, o viajante híbrido, aberto a essa realidade de vislumbrar novas cores, poderia ser definido como um sujeito disposto a viver o que Janice Caiafa (2007) chama de a aventura própria das cidades. Enquanto o oposto desse viajante híbrido seria uma espécie de turista formatado nos moldes da anticidade, alguém que já vive um recorte da realidade. É importante destacar que a cidade não é o único ambiente a garantir uma experiência original de contato com a alteridade. Tudo dependerá do que busca o viajante, podendo fazê-lo através da paisagem, das pessoas, da gastronomia. O recorte, aqui, fica por conta da observação atenta da pesquisadora quanto às características específicas dessa aventura urbana.

O termo anticidade refere-se, em verdade, a um fenômeno originariamente americano, iniciado após a Primeira Guerra Mundial, quando teve início o processo de suburbanização (Idem). Caiafa observa que, ao contrário dos núcleos urbanos centrais e tradicionais, os bairros de subúrbio passaram a ser acessíveis via veículos privados, distanciando este novo núcleo do uso do transporte coletivo, do ambiente de contágio social das cidades, criando áreas fechadas e, o mais importante: impermeáveis à diferença.

É notável como a entrada do automóvel é importante no processo de despovoamento provocado pela construção dos subúrbios americanos. Nesse meio de transporte individual é possível evitar a convivência no veículo coletivo e ao mesmo tempo deslocar-se com maior eficiência, o que minimiza a importância do percurso, e a ocupação do espaço público se torna um mero intervalo de tempo entre a partida e a chegada com tendência a se eclipsar. Além disso, a viagem de automóvel utiliza o espaço coletivo para fins particulares, configurando uma ocupação privada da vida pública. (Caiafa, 2007, p. 22)

A experiência de um cotidiano privado em termos de moradia e deslocamento está ligada ao perfil do turista que ignora a viagem em si, o processo do deslocamento, as transformações, encontros e confrontos que essa inclui em seu percurso. Suas investidas turísticas preservam o uso de um espaço antes de tudo privado, familiar, protegido, segregado. Ele opta pela cadeia de hotéis com filiais

padronizadas em todos os países do mundo, pelos restaurantes e lanchonetes de cardápio igualmente conhecido e previsível, independentemente do lugar onde estão instalados, pelo circuito de passeios “de camarote”, aqueles em que a observação é feita de uma janela privada, pode ser de um carro, de um ônibus, mesmo de um camarote no sentido real do termo. É como se esse turista reproduzisse seu ambiente segregador de origem no trajeto de sua viagem. Com isso, fecha-se ao ambiente de contágio oferecido pelos centros urbanos centrais, se a ênfase estiver na troca proporcionada pelo uso do transporte público e pelo deslocamento pelas ruas, e à troca que vem da oportunidade de enxergar a pluralidade de cores e nuances que compõem a realidade do objeto sonhado. Esse turista defende-se justamente de enxergar qualquer outra cor que não aquelas que já enxerga costumeiramente. Talvez, esteja também aí a queixa veemente de Deleuze de que a viagem traz, em geral, uma falsa ruptura, uma ruptura barata. Para experimentar uma verdadeira ruptura, o viajante deveria estar disposto e, mais que isso, em busca da transformação que esta tem como promessa.

Na associação mais impalpável, mais trivial da palavra “exótico”, o encanto de um local estrangeiro deriva da simples idéia de novidade e de mudança: de encontrar camelos onde na terra natal havia cavalos; de encontrar edifícios sem enfeites onde na terra natal havia colunas. Pode haver, porém, um prazer mais profundo: nós podemos valorizar elementos estrangeiros não só porque são novos, mas porque parecem se harmonizar com nossa identidade e com nossos envolvimento de modo mais fiel do que qualquer coisa que nossa terra natal possa fornecer. (Botton, 2003, pp. 86-87)

6.1.2. O estrangeiro bem-vindo

Se, ao contrário do turista ferozmente empenhado em circular em um circuito privado, um viajante – e neste caso refiro-me ao perfil híbrido – tem como principal motivação de suas andanças chegar à verdadeira ruptura, ele deve ter também como prioritárias as diversas situações de troca que uma viagem pode oferecer a ele. Deve deslocar-se como um *flâneur* e não como um transeunte, para citar Walter Benjamin. Suas escolhas para atingir esse objetivo podem ser as mais variadas, das expedições junto à natureza, caminhadas e afins, aos circuitos urbanos. O importante, segundo destaca Botton, é saber que as tecnologias facilitaram enormemente o acesso à beleza, mas não simplificaram de forma alguma o processo de desfrutá-la ou apreciá-la:

Ruskin¹⁷ ficava consternado com a raridade com que as pessoas percebiam detalhes. Ele lamentava a cegueira e a pressa dos turistas modernos, especialmente os que se gabavam de ter coberto a Europa em uma semana de trem (...): ‘Nenhuma mudança de um lugar para outro a cem quilômetros por hora irá nos deixar mais fortes, mais felizes ou mais sábios. Sempre houve mais no mundo do que os homens conseguiam ver, por mais devagar que andassem. E não enxergarão nem um pouco melhor a alta velocidade. Os aspectos realmente preciosos são o pensamento e a visão, não a velocidade. (Idem, pp. 234-235)

Botton usa as observações do escritor inglês para se referir à maneira como a arte pode abrir os olhos do sujeito para o tema. Na prática, o resultado estaria em saber que, independente do caminho escolhido, a viagem pressupõe um tempo de aprendizado e apreensão do que se vê, para contrapor à “cegueira e à pressa do turista moderno”. As escolhas para se acompanhar a velocidade exigida para se apreender o que o lugar visitado tem a oferecer são as mais diversas. Pode estar no encontro com a magnitude da natureza, conhecendo os mais longínquos e isolados recantos do planeta. Ou no aparentemente caótico cotidiano de uma grande metrópole. A escolha de núcleos urbanos para se aventurar a acompanhar a velocidade exigida para se apreender o que o lugar visitado tem a oferecer pode ser fértil no que tange o contato com a alteridade, a experiência do que é diferente, o contato com outrem.

Janice Caiafa (1989) menciona que as cidades têm como característica oferecer esse risco da defrontação com estranhos, de circular em espaços coletivos e esbarrar em desconhecidos e situações imprevisíveis. Em se tratando de viajantes, entretanto, uma das características das cidades que chama minha atenção em particular é sua abertura aos estrangeiros:

Na origem das cidades está um movimento, um deslocamento. A cidade se desenvolve como um ponto de atração para estrangeiros, *outsiders* de todo tipo que vêm povoá-la (...). Diferente do grupo primário, ela oferece hospitalidade ao visitante estrangeiro – não para integrá-lo, mas para oferecer-lhe um lugar nessa mobilização. Ela é mesmo o lugar mais propício para *outsiders*, por produzir um grande espaço de exterioridade em que se confrontam desconhecidos, em que se produz constantemente diversidade (Caiafa, 2007, p. 89)

Essa diversidade parece-me fundamental ao viajante disposto a participar dessa dinâmica urbana, do ritmo das pessoas e das ruas de uma dada cidade aonde

¹⁷ John Ruskin (1819-1900), escritor inglês do Romantismo.

se chega, a conversar com sua gente, entender seu funcionamento. Para Janice Caiafa, os transportes coletivos têm um papel-chave nesse processo, por efetuarem uma dessegregação, reunir pessoas em um mesmo espaço. De fato, os transportes são um canal mais que apropriado ao visitante disposto a experimentar o cotidiano de outra cidade ou país. É o ambiente em que quem vem de fora pode circular tal e qual um local, embora não seja um deles. É o veículo usado para chegar a outros destinos finais, a outros espaços públicos e a atrações diversas. E ter uma provinha de como vive a gente de lá, das experiências que têm em sua vida cotidiana nos deslocamentos diários.

Não é raro ouvir relatos de cariocas que, no Rio, deslocam-se exclusivamente de carro, mas, ao chegarem a cidades como Nova York ou Paris, deleitam-se em circular na rede coletiva de transportes, seja de ônibus ou de metrô. Pode-se alegar, nesse caso específico, haver um componente a mais pesando sobre decisão do viajante, que seria a oportunidade de sentir-se seguro a bordo desse tipo de transporte, reforçada pela eficiência da rede coberta por eles. Porém, tampouco é raro ouvir relatos desses mesmos cariocas sobre furtos e roubos nessa rede de transportes coletivos nas duas cidades citadas. Menos raro ainda é ouvir que, distraídos com tantas novidades ao redor, esses viajantes descuidaram-se da atenção que o ambiente de transportes coletivos, em maior ou menor grau, demanda.

De qualquer forma, é justamente da oportunidade de encontrar pessoas desconhecidas que vem a possibilidade de se vivenciar outras experiências distintas das já conhecidas e que pertencem ao nosso mundo. E é justamente neste ponto que se faz importante a figura de outrem. Segundo Deleuze (em Caiafa, 2007), “o que não vejo é visível para outrem e constitui todo um mundo de potencialidades e virtualidades para mim”. O viajante híbrido me parece estar interessado nesse contato com outrem, na escolha de poder estar entre estranhos e de despir-se parcialmente de sua identidade, para através de outrem vislumbrar outros mundos possíveis, “reais, mas não atualizados”. Deleuze define outrem como uma estrutura, um princípio que organiza o campo perceptivo, enquanto Janice Caiafa o descreve como *operador de diferenciação*. Esta definição me agrada especialmente por deixar clara a idéia de que a partir do contato com o outro se pode ver novas possibilidades. O turista extraterritorial, por sua vez, é fechado a esse encontro com

outrem, não deseja abrir mão de fragmentos de sua identidade e admirar outras que surgem como opções à sua frente.

Uma grande vantagem nesse processo é que o transporte coletivo permite ao viajante, ao estrangeiro, um lugar na mobilização urbana, garantido, sobretudo, pela observação. É pelo olhar que se apreende grande parte da diversidade reunida nesse transporte. O tempo que se passa dentro de ônibus e trens é ainda um convite à introspecção, ao pensamento solitário. Botton considera as viagens “parteiras do pensamento”:

Ao fim de horas de devaneios num trem, podemos ter a sensação de termos sido devolvidos a nós mesmos – ou seja, trazidos de volta ao contato com emoções e idéias de importância para nós. Não é necessariamente em casa o melhor lugar para encontrar o nosso verdadeiro eu. (Botton, 2003, p. 68)

Já a linguagem traria uma proximidade ainda maior desses estranhos com que se pode cruzar. Ela dá realidade ao estranho, considerando que a comunicação reúne os conversadores para distraí-los de si mesmos, explica Caiafa (2007). Essa comunicação com os estranhos facilita enormemente a troca possibilitada pelo contato dessegregado nos transportes coletivos. A conversa do ônibus, do trem ou outro transporte coletivo tem esse papel aproximador. Em terras estrangeiras, o viajante que domina o idioma local tem ainda maior oportunidade de se embrenhar nessa trama visitada, de ser um *outsider* que usa em maior intensidade as boas-vindas a ele oferecidas. E participar do jogo da cidade e sua dupla função em atrair e repelir trajetórias, fazendo com que se cruzem em pontos do caminho. De maneira que esse ambiente urbano central me parece adequado à chegada do viajante/*outsider*, por permitir sua participação em seu funcionamento, embora não garanta sua integração ao todo.

Essa condição estaria ligada à característica de a cidade conseguir, como explica Janice Caiafa (2007), ao mesmo tempo reunir nômades e oferecer um novo nomadismo aos que nela vivem. Haveria uma espécie de recodificação local atravessada por novos fluxos.

A emergência da cidade envolve um nomadismo. Ela precisa ser um ímã para estranhos de toda sorte que vão povoar esse espaço de constante movimento, esse campo atravessado por trajetórias e em expansão horizontalmente. Na origem das cidades existe um movimento, um deslocamento. São fluxos que vêm de fora e que vão criar um nomadismo

propriamente urbano, constituir a cidade como lugar de circulação e dispersão. (Idem, p. 118)

Mais além: essa dinâmica garante que o estrangeiro tenha vez nesse espaço, pelo fato de a cidade fazer do estrangeirismo um devir, aprofunda a autora:

A cidade se constitui como exterioridade, como exposição, acolhendo estrangeiros, fazendo – mesmo para os que estão em casa – desse estrangeirismo um devir. Há uma constante mobilização, que é em parte física mas envolve uma transformação mais forte, um investimento na diferença e na singularização. Gera-se uma *inquiétude* (Caiafa, 2001), característica dos meios urbanos, que nos faz desejar ir além do reconhecimento das pequenas vizinhanças, sair à rua, experimentar novos lugares e enfrentar os riscos do imprevisível. (Ibidem, p. 119)

O ambiente urbano oferece ao estrangeiro a oportunidade de trocar com os locais de forma intensa, seja nos transportes coletivos ou em espaços públicos, onde diferentes trajetórias se cruzam. Ao viajante disposto a se expor a essa rica mistura, essa oportunidade reverte-se em um campo fértil para o aprendizado, seja pela abertura de outras possibilidades de mundo vislumbradas através de outrem, pela conversa efetiva com estranhos ou pela reflexão solitária frente à realidade que observa. A chance de enxergar experiências que, ao serem entendidas, podem modificar o pensamento do *outsider*, sua maneira de ver o mundo, as pessoas e as coisas e, em consequência, agregar um novo elemento a sua constituição identitária, uma nova ferramenta a ser usada no jogo cotidiano. Ou uma via para se chegar à verdadeira ruptura que uma viagem pode proporcionar.

7. NA PRÁTICA

Ao contrário do viajante romântico em busca de autenticidade, ou do criador de pacotes de férias que capta a experiência 'real' em fotos instantâneas, o 'pós-turista' *sabe* que é um turista e que 'o turismo é uma série de jogos com textos múltiplos e não uma experiência única e autêntica de turista' (Urry, 1998: 154; ver também Bagguley et al., 1990; MacCannell, 1989; Urry: 1990). (SLATER, Don. Novos tempos? In: Cultura do consumo & modernidade; tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002, pp, 170-203)

É importante salientar, uma vez mais, que os perfis de viajantes híbridos e extraterritoriais não são fechados a uma saudável interseção entre os dois tipos. Existe um caminho aberto para transitar entre ambos e permitir que andem um pelas trilhas do outro. O mais interessante é que o mercado dedicado às viagens parece não apenas já ter identificado esses perfis de viajantes se deslocando pelo planeta, como compreendido que é preciso saber falar uma nova linguagem para se comunicar com eles. As ofertas no segmento de turismo parecem se moldar a cada dia para atender demandas talhadas de acordo com os novos perfis e também a partir da combinação desses perfis. São experiências como essas, e sobre as quais citarei alguns poucos exemplos neste capítulo, que me ajudaram a entender como a indústria se adapta à transformação pós-moderna e o quanto existe em possibilidades de contato e troca entre os dois perfis, ao contrário do que imaginava ao iniciar esta pesquisa.

Listo a seguir pequenas descrições sobre os jetrossexuais inventados pela companhia aérea Virgin Atlantic, os roteiros da canadense Butterfield & Robinson e ainda a experiência do Fórum Mundial de Turismo. São pequenos recortes e não análises detalhadas sobre cada um desses temas, o que poderia originar uma pesquisa inteiramente nova.

7.1. Os jetrossexuais

A profusão de publicações dedicadas às viagens é visível e reforça o papel da mídia como sistema informacional-chave no desenvolvimento do turismo e, mais especificamente das viagens, como produtoras de novos signos e códigos contemporâneos. São linguagens editoriais formuladas para chegar a novos públicos muito específicos, nascidos já no cenário contemporâneo e que, em certa medida,

parecem trabalhar igualmente para fixar essas identidades com as quais se dispõem a dialogar.

Um bom exemplo é a campanha de marketing lançada pela companhia aérea inglesa Virgin Atlantic Airways em 2005, direcionada a um grupo de pessoas a partir de então identificadas como jetrossexuais. Nas palavras de Chris Rossi, vice-presidente de vendas e marketing da companhia para a América do Norte, “ser jetrossexual é muito mais do que apenas voar: é uma nova cultura que nasce” (Borges, 2005).

Elaborada para o segmento corporativo de passageiros da Virgin Atlantic, a campanha é um claro exemplo de marketing de estilo de vida que “não só identifica e se propõe atingir estilos de vida já existentes, como também os produz ao organizar os consumidores de acordo com padrões significativos, criados e distribuídos por meio do design, da propaganda e da mídia”, como define Don Slater (2002). A maneira como o projeto promocional da empresa aérea foi formatado mostra que o espaço institucional da mídia se torna cada vez mais transnacional – a campanha foi lançada nos Estados Unidos, mas dialoga com jetrossexuais de qualquer parte do mundo – e reafirma seu potencial hiper-real como elemento-chave na produção de signos na sociedade do simulacro. Trata-se de um projeto elaborado a partir da “cartilha” do mundo globalizado, despido de barreiras de espaço-tempo, multicultural.

7.1.1. A campanha da Virgin Atlantic

O consumo de bens materiais e simbólicos é ativo e constante no nosso cotidiano como estruturador de valores que constroem identidade, regulam relações sociais e definem mapas culturais. A elaboração de um pensamento capaz de ler os significados culturais do consumo possui, assim, grande importância antropológica comunicacional, já que os bens são investidos de valores para expressar idéias, princípios, provocar transformações e criar permanências. (Villaça, 2007).

No atual jogo do turismo, como explica Slater, a experiência, a imagem e o estilo de vida vinculados a um determinado produto têm um diálogo objetivo com os consumidores dos mesmos. Em outras palavras, ao passo que atendem suas solicitações, esses signos colaboram também para a geração dessas solicitações.

O termo jetrossexual foi elaborado para designar homens e mulheres de negócios que estão constantemente viajando para decidir o futuro de suas

empresas. A Virgin Atlantic define os jetrossexuais como aquelas pessoas que têm como rotina rodar o mundo por razões profissionais e que, por seus freqüentes e longínquos deslocamentos, já não consideram as barreiras de tempo e espaço. Seriam aqueles que, usando a definição da empresa aérea, deixam terra firme diariamente para tocar o mundo dos negócios e da cultura para frente. Como explica Chris Rossi, “atualmente, abriu-se caminho para um novo comportamento. Os jetrossexuais são empreendedores, os *rock-stars* de suas empresas, pessoas que levam o mundo para frente e vão absorvendo e propagando a cultura de diversos lugares conforme viajam” (Borges, 2005). Considerando o que foi discutido nos demais capítulos desta pesquisa, a afirmação do executivo da Virgin Atlantic é necessariamente verdadeira. Os jetrossexuais estão mais para o perfil de viajante extraterritorial que para o de viajante híbrido. De maneira que ele pode, sim, funcionar como um propagador cultural, mas não o é por definição simplesmente por ser alguém que trabalha viajando.

De qualquer forma, a definição do público proposta pela revista é muito acertada, específica e mostra a desmaterialização dos bens de consumo citada por Slater (2002). O teórico explica que o marketing da era pós-fordista seria definido por significados culturais que costuram mercadorias e atividades diversas numa imagem coerente. Mais além: se antes as pessoas falavam em consumo de bens e serviços, hoje falam de experiências, como exemplifica o teórico citando o slogan “a Mars não vende barras de chocolate e sim ‘uma experiência de sabor’”. As viagens da Virgin Atlantic elaboradas para o jetrossexual – que define, antes de tudo, um estilo de vida – são vendidas seguindo esse mesmo apelo. Se antes os passageiros compravam uma passagem aérea, hoje compram uma nova cultura, uma nova experiência em voo comercial.

O termo jetrossexual foi elaborado como uma evolução de Jet Setter e nasceu com o lançamento da revista de bordo “Jetrossexual Magazine”, em 2004. Para deixar claro a quem cabia a inovadora definição, a empresa colocou no ar uma lista com os 11 mandamentos seguidos por um verdadeiro jetrossexual. Ter o passaporte sempre pronto para viajar; saber pedir uma cerveja em ao menos seis idiomas diferentes; saber colocar roupa suficiente para uma semana em uma mala de mão; ter no passaporte o carimbo de ao menos um país que já mudou de nome; não incomodar o vizinho de poltrona e jamais usar travesseiro inflável para pescoço estão entre eles. Nas entrelinhas, fica subentendido que o jetrossexual é poliglota,

viajante internacional, educado, discreto e ligado nas mais atuais tendências contemporâneas.

Este vínculo fica explícito na maneira como a Virgin Atlantic transformou suas “barras de chocolate em experiências de sabor”, como vem explicado na página eletrônica da companhia aérea: “Tratar cada voo como um evento nos céus e não apenas uma maneira de seguir do ponto A ao B. Cada voo saindo das Bahamas e dos Estados Unidos para Londres tem um nome que reflete o humor e o clima a bordo”. A idéia é destacar que não se trata apenas de um voo, mas de um conceito. O passageiro não embarca no voo Virgin Atlantic Miami-Londres, mas no Trance Atlantic ou ainda no Higher Flier, no trecho Nova York-Londres. Para entender a experiência oferecida ou vendida por esse voo específico, a página traz elementos como uma seleção da trilha sonora a bordo, segundo o estilo de cada voo. O Trance Atlantic seria a escolha dos artistas, *popstars*, ao som de bandas como Deep Dish, Up e Bustle and Out. Já o Lo Pro, seria o voo daqueles mais reservados, e embalado por grupos como Propellerheads. Voando em Upper Class – a classe econômica, pela cartilha dos jetrossexuais, é restrita a viagens esporádicas para mostrar uma dose de humildade – o passageiro tem direito a massagem a bordo, traslado de Limosine do aeroporto e outras mordomias.

Essas definições trazem ainda nas entrelinhas um outro importante pré-requisito para ser um jetrossexual: pertencer à elite da pós-modernidade. E não apenas a uma elite financeira, mas também cultural. Nesta época, ter dinheiro e poder abre uma porta direta de acesso à cultura pós-moderna, ao modelo do estilo de vida norteado pelo consumo. Há, assim, uma fundamental ênfase na formação transnacional desse indivíduo privilegiado, daquele que vive no mundo de signos e, conseqüentemente, na esfera em que em sua experiência de mundo se apagam fronteiras temporais, geográficas e demográficas.

O consumidor pós-moderno é irônico e bem-informado, reflexivo e consciente do jogo que está sendo jogado. Esse consumidor tem de ter um capital cultural considerável tanto para dar sentido à riqueza de signos mutáveis e distanciados quanto para ter condições de tratá-los apenas como signos, precisa sentir prazer não com as coisas em si, mas com a experiência de montar e desconstruir imagens. (Slater, 2002)

E neste ponto é interessante citar a definição de consumo de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004) sobre o uso de um processo virtual para dar sentido ao

mundo que nos cerca. Esta é uma visão antropológica de consumo e de como este influi na organização social. Seria como fazer uma análise semiológica do processo paralelamente a uma análise estética. Ou, mais amiúde, usar objetos, roupas e outros signos de consumo para descobrir ou criar uma identidade. Como faz com habilidade a “Jetrossexual Magazine”. E talvez a viagem desse turista jetrossexual passe justamente por aí. Se a sociedade contemporânea é marcada pelo mercado e suas tribos dialogam a partir de bens simbólicos e materiais, é coerente entender que é também assim que viajam.

7.2. Combinando o híbrido e o extraterritorial

A Butterfield & Robinson é uma empresa canadense que vende viagens ativas, como expliquei previamente no capítulo 4 desta pesquisa. Segue a crescente tendência de viagens de experiências apontada pela Organização Mundial do Turismo (WTO) e, à primeira vista, pareceu-me estar em sintonia com o perfil do viajante híbrido. É que os roteiros oferecidos pela companhia são feitos a pé ou de bicicleta, com o objetivo de permitir o máximo de contato entre quem viaja e a paisagem e as pessoas dos lugares por onde passa. As opções de destinos são as mais variadas e vão do Brasil ao Vietnã, passando por Cuba e pela Toscana. Ao mesmo tempo em que trabalha os percursos com a orientação primeira de preservar essa viagem lenta – o lema da Butterfield & Robinson é “Slow down to see the world” – dispõe de uma robusta estrutura de apoio ao viajante e preenche os dias (e as noites) de pedaladas e caminhadas com programas exclusivos. E é neste ponto que percebi entrar em cena a força do perfil extraterritorial, a possibilidade de, numa viagem a princípio esportiva e com a proposta de mergulhar a fundo nas culturas visitadas, contar com o suporte de uma estrutura turística de primeira linha.

Para entender melhor, citarei como exemplo uma viagem de bicicleta. O grupo cumpre etapas diárias de pedaladas entre pontos do roteiro. E, sim, pode fazer paradas pelo caminho, conversar com passantes, provar frutos, atravessar plantações e o que mais apetecer. Uma viagem de bicicleta suscita, num primeiro momento, a idéia de viver uma aventura, de adaptar-se às condições do caminho, do tempo, da geografia. Neste caso, contudo, o viajante conta com um roteiro cujo percurso já foi inteiramente pensado e estruturado de maneira a tornar o caminho seguro, livre de pedras e sobressaltos. Os ciclistas da Butterfield&Robinson pedalam

sempre em companhia de um carro de apoio. Quem se cansar ou desistir de pedalar no meio do caminho por outro motivo qualquer pode acenar para o veículo e pedir resgate para si e para a bicicleta. Vale também fazer compras, deixar as sacolas na van e seguir viagem sobre duas rodas livre do peso extra adquirido no percurso. Sentiu sede, frio, fome? Basta chamar o carro de apoio, que transporta ainda a bagagem de cada viajante entre um hotel e outro.

Os viajantes da Butterfield & Robinson tampouco se portam como andarilhos. Eles estão longe de ter pouso indeterminado e definir suas paradas conforme o ritmo da caminhada, muito pelo contrário. A hospedagem é feita em hotéis e pousadas de luxo. E o roteiro, nos momentos em que não se está a pé ou de bicicleta, inclui programas sempre exclusivos: restaurantes de chefs renomados abertos apenas para o grupo, visitas a museus fora do horário de funcionamento, entrada em lugares fechados à visitação pública em geral.

É possível considerar todo esse aparato de proteção ao roteiro um viés de caráter nomádico em viagens que poderiam ser lidas, a priori, como ativas e de aventura. Nomádico, aqui, no sentido de que conhecer o mundo de bicicleta sem, para isso, abrir mão não apenas de conforto, mas de suporte, instalações e atrações exclusivas – o que é ainda mais seletivo que simplesmente luxuosas – parece-me uma combinação curiosa entre um impulso de viajante híbrido e uma prática extraterritorial. Fica mais uma vez evidente a importância que o status e a posição do turista na teia sociocultural e financeira tem para que este possa escolher uma viagem nesses moldes. A Butterfiel & Robinson não é a única empresa no mercado atenta a esse perfil de viajante, há outras de atuação similar, combinando o desejo por experiências originais ao melhor em conforto, segurança e entretenimento selecionado.

Um exemplo distinto, mas que funciona sobre as mesmas premissas, é o da portuguesa A vida é bela. Criada por um jornalista, funciona como um guia de prêmios – portanto, como robusta ferramenta de marketing e incentivo – que oferece experiências. Não são viagens, mas efetivamente pequenas oportunidades de experimentar algo diferente. No cardápio de opções estão desde uma massagem corporal e degustações com *sommeliers* de renome a oportunidade de dirigir um Porsche, fazer um vôo com trecho em gravidade zero e até participar de um embate aéreo. As experiências da agência podem ser usadas como programas em viagens ou como escapada de uma rotina corrida entre reuniões de negócios em uma cidade

distante. Está aí, mais uma vez, uma janela com opções tão variadas quanto os perfis de viajantes contemporâneos, e que variam conforme o bolso e o grau de disponibilidade desse turista em se entregar a novas experiências.

7.3. O Fórum Mundial de Turismo

Também a indústria de turismo, em esfera institucional, tem absorvido as mudanças trazidas pela contemporaneidade e desenhado projetos e eventos de âmbito internacional sob novos moldes. O Fórum Mundial de Turismo para paz e desenvolvimento sustentável é um exemplo nesses termos. Lançado no Brasil em 2003 e com seus três primeiros encontros anuais, chamados de Destinations, realizados no país, é uma iniciativa que congrega autoridades, empresários e organizações não-governamentais do setor para trabalhar, em conjunto, pelo desenvolvimento de um turismo responsável nas áreas social, cultural, econômica, e ambiental, criando condições para a paz. E reúne quatro agências da Organização das Nações Unidas (ONU): a WTO, a Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura (Unesco), a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Aqui, tem o apoio do governo federal, através do Ministério do Turismo, sendo organizado pela Fundação Turismo para a Paz e Desenvolvimento Sustentável, entidade sem fins lucrativos criada para cuidar dos eventos do fórum no país e catalisar as ações nele geradas. A fundação tem ainda uma parceria com o Instituto de Hospitalidade (IH), ONG criada em 1997 e que reúne entidades voltadas para projetos e atividades nas áreas de turismo, educação, meio ambiente, trabalho e cultural.

Os três encontros anuais realizados no Brasil aconteceram entre 2004 e 2006, em Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre, respectivamente, somando quase dez mil participantes de mais de cem países. Chama a atenção a formatação de um evento com o objetivo de nortear ações no segmento de turismo em todo o mundo. A composição da estrutura criadora e organizadora do fórum, bem como a forma como funciona – com grupos de trabalho locais e internacionais e redes de redes interligando diversos países em projetos comuns – mostram uma mudança clara em termos de adaptação ao cenário da globalização. A gama de projetos apresentados é focada naqueles implementados em comunidades de diversos países, com o

objetivo de utilizar o turismo como força econômica a partir do fortalecimento das tradições culturais, artísticas, naturais e históricas de povos e regiões. Existe, inclusive, um núcleo de trabalho ligado a entidades como a Tour Operators Initiative (TOI), organização internacional que presta consultoria a destinos que pretendem evitar ou reverter o movimento do turismo de massa e implementar um sistema de visitação que preserve o ambiente, a cultura e os recursos locais. A meu ver, o projeto pode estar indo ainda além da adaptação à globalização, em direção a uma nova globalização, atenta à relevância dessa indústria para redução da fome e da pobreza, a divulgação cultural, a redução da agressão ao meio ambiente e, sobretudo, como instrumento para a promoção da paz. Tanto que o Fórum Mundial de Turismo é um movimento sem interrupção, seus projetos seguem em desenvolvimento durante todo o ano, através do trabalho das redes de redes, dos grupos de trabalhos locais. Enquanto os Destinations, os encontros anuais, funcionam como reuniões para debates e apresentação de resultados de projetos já em andamento ou em vias de serem iniciados. A edição de 2008, a primeira fora do Brasil, poderá acontecer na Jordânia. Até a conclusão desta pesquisa, entretanto, o evento ainda não havia sido confirmado.

8. CONCLUSÃO

Mais les vrais voyageurs sont ceux-là seuls qui partent
 Pour partir; coeurs légers, semblables aux ballons,
 De leur fatalité jamais ils ne s'écarterent,
 Et, sans savoir pourquoi, disent toujours: Allons!

Ceux-là dont les désirs ont la forme des nue,
 Et qui rêvent, ainsi qu'un conscrit le canon,
 De vastes voluptés, changeantes, inconnues,
 Et dont l'esprit humain n'a jamais su le nom!

(Charles Baudelaire)

Chego ao fim desta dissertação um pouco com a sensação que se tem ao chegar ao fim de uma viagem. Encontrei respostas para uma diversidade de perguntas que tinha ao iniciá-la. Muitas delas foram de acordo com o que imaginava previamente e outras, distintas. Houve ainda as que levaram a novas perguntas e que, agora, ficam como idéias para uma próxima “viagem”. Alain de Botton observa que a realidade das viagens é sempre diferente do que sonhamos. Tal como ele, ao se decidir por uma viagem a Barbados depois de receber um folheto com uma foto de mar turquesa, com palmeiras e perfeito cenário tropical, encontrei no percurso da pesquisa a paisagem do “cartão-postal” que tinha em mente antes de começá-la. Mas, assim como ele, me surpreendi com tudo o que havia nesse contexto que não enxergaria senão investigando-o. Compreender as condições da pós-modernidade neste mundo globalizado é de fundamental importância para entender a situação do sujeito contemporâneo e, a partir dela, o contexto em que se dão as viagens nesta época e se formam os perfis de seus viajantes.

A primeira grande resposta aos questionamentos que motivaram esta pesquisa, a meu ver, é considerar que, sim, as viagens podem funcionar como um mecanismo de desengajamento voluntário do indivíduo, num movimento de escapar à tarefa interminável de se reinventar a si mesmo a cada novo dia, de transitar entre as diversas esferas da vida cotidiana, negociando com suas possibilidades e o contexto social uma formação identitária. Mais que isso: as viagens podem permitir a esse indivíduo experimentar a liberdade que lhe falta em termos de mobilidade no jogo contemporâneo. Como recomenda Zygmunt Bauman, para viver a globalização, é preciso viver como um jogador e jogar com as armas de que dispõe (1998).

Embora não deixe de ser uma nova fase na cronologia do desenvolvimento das viagens através do tempo, a contemporaneidade traz um conjunto de novas

características que fazem dela uma época distinta das demais. As transformações oriundas do processo de globalização, a quebra da barreira de espaço-tempo, a oposição entre segurança e liberdade individual, a sociedade intercultural, as novas tecnologias, resultaram na angústia de viver um eterno construir identitário, num processo permeado por intensas negociações socioculturais e econômicas.

Nesses termos, o jogo contemporâneo tem sua regra principal resumida em uma (agora) poderosa palavra: mobilidade. A negociação entre as mudanças sociais e pessoais enfrentadas pelos indivíduos varia justamente conforme a habilidade que têm de se mover na cena pós-moderna.

O ato de viajar é ele também interpretado como sinônimo de mobilidade. Neste caso, ela pode ser interpretada apenas pelo sentido literal do termo: deslocar-se de um lugar pra outro. Pois, efetivamente, pode não ir muito além disso, funcionando como um subterfúgio para escapar por um período às pressões que a instabilidade confere à vida cotidiana. Como pode também garantir mobilidade extra ou amplificar a mobilidade real do viajante. De qualquer forma, o conceito de viajante contemporâneo, pela idéia proposta ainda no início desta pesquisa, tem origem no turista descrito por Bauman em “O mal-estar na pós-modernidade” (1998). E “a vida do turista não é um mar de rosas. Há um preço a ser pago pelos prazeres que ela traz. A maneira como o turista põe de lado certas incertezas ocasiona suas próprias incertezas”, alerta o sociólogo polonês referindo-se ao caráter episódico da experiência desse personagem. E, complementa: “Os turistas iniciam suas viagens por escolha – ou, pelo menos, assim eles pensam”.

Duas observações sobre a frase acima são pertinentes. A primeira é que o turista foi escolhido como grupo-mãe dos perfis de viajantes tratados nesta pesquisa por ser ele alguém que escolhe viajar, no lugar de ser impelido a fazê-lo por motivos completamente alheios a sua vontade, como é o caso do vagabundo descrito por Bauman, de expatriados, refugiados e outros. Por outro lado, a provocação feita pelo pensador sobre a sensação do turista de que sua partida é inteiramente voluntária vem fato dessa decisão ser, em grande parte, motivada pelo desejo de romper com a rotina, com a situação cotidiana, e que é anterior ao desejo de viajar propriamente. E é a maneira como ele lida com essa escolha que determina se ele é um viajante híbrido ou extraterritorial.

De todo modo, é importante lembrar que o turista conta com a incrível vantagem de viajar dentro da “bolha de osmose controlada” descrita por Bauman.

Assim, ainda que sua decisão de partir seja motivada por um desejo anterior ao de conhecer outro lugar, tão simplesmente pela necessidade de partir, ele tem a oportunidade de, ao assumir o controle de sua situação, selecionando o que e até que ponto trocar com o ambiente e com outros, experimentar uma grande sensação de liberdade, de se mover quando e para onde quiser, de criar as regras do jogo assumindo uma posição que combina as posições de jogador e de juiz. A vantagem de, em viagem, o sujeito turista conseguir a proeza de viver numa espécie de presente contínuo, o liberta de amarras com o passado e o futuro e das quais não pode se livrar em seu ambiente original.

Dentre os dois tipos, o viajante híbrido tem como premissa conhecer a fundo lugares, culturas, vivenciar experiências enquanto viaja. Já o turista extraterritorial tem a tendência de repetir, quando viaja, os mesmos ambientes, costumes, percursos, relações e lazer deixados em casa. Daí a observação de que este tipo é um viajante que nomadiza pelo mundo. Ele decide viajar, mas o faz de maneira tal que consegue percorrer um percurso de espaços e vivências a ele já familiares. Tal atitude pressupõe uma cessão ao encontro com a alteridade local, a enxergar o mundo por olhos de outrem.

Ao mesmo tempo em que se pode delimitar esses dois perfis, fica claro também não existir uma delimitação rígida dos mesmos. Tampouco a definição que proponho amarra esses tipos de viajantes em descrições estanques. Ao contrário, a observação desses perfis mostra que há uma ponte de comunicação aberta entre os dois, visto que as definições de híbrido e extraterritorial dedicam-se mais ao tipo de comportamento que esses viajantes têm em seus deslocamentos. Tudo dependerá da motivação do turista em viajar, do que ele busca ao se afastar. O significado ou o objetivo das viagens depende, assim, igualmente da capacidade de se mover desse turista. E pode representar nada mais que um intervalo na angustiante rotina instável e em permanente mutação, o que já dá legitimidade ao movimento, à vivência da verdadeira ruptura suscitada por Gilles Deleuze. O viajante pode estar disposto a usar seu deslocamento para questionar e colaborar para seu próprio processo de constituição identitária.

Destaco ainda o incontornável papel da mídia em todo esse contexto estudado. Ela é ferramenta fundamental para a propagação de conhecimento sobre destinos e culturas de todas as partes do mundo. Se, por um lado, pode gerar um pseudo-conhecimento sobre outros lugares, através de recortes mostrados sobre

eles, pode também estimular o desejo da partida, o desejo de ir até lá ver se as cores do que se sonhou são aquelas em realidade, para usar as palavras de Proust citadas por Deleuze. Ou, nesse caso, se as cores das imagens midiáticas conferem com as originais.

Todo o aparato da mídia, da sociedade do espetáculo, do processo de musealização tem participação na definição dos perfis e das viagens dos indivíduos contemporâneos. A sobrecarga informacional e a insegurança da contemporaneidade impelem as pessoas a se voltarem para a memória. Está aí a transformação do museu em templo de cultura de massa – a instituição também rendeu-se às transformações pós-modernas – para provar a lógica dos processos de mercadorização e da espetacularização em curso. O mesmo aconteceu com o turismo de massa, democratizando um hábito antes reservado a um grupo de privilegiados. É claro que ainda há graus de privilégio nessa aventura da viagem contemporânea, que variam conforme o status do viajante em termos financeiros, sociais e culturais, havendo uma indissociável ligação com a esfera do consumo. Existem viajantes motivados quase que exclusivamente pela vontade de comprar – das barganhas em lojas de descontos a memorabilia. Em todo caso, sempre na tentativa de lançar âncoras que se fixem ao fundo de alguma maneira, de forma a colaborar para o processo de formação de identidade.

Talvez, as viagens sejam um eficiente canal para abrir os indivíduos à função de hífen, de pontes de ligação entre as diversas culturas, como define o conceito de hibridismo defendido por Amin Maalouf. E, quem sabe, ajudar a propagar a percepção de que a constituição identitária de um dado sujeito é o resultado de uma soma única de experiências, funcionando como uma vacina antifundamentalista. E ajudar na luta contra a hegemonização cultural desencadeadora de desigualdades e instabilidades. Será? Como disse, as respostas que encontrei nesta pesquisa foram parteiras de novas perguntas. Ficou a vontade de “viajar” por outros trajetos originados neste trabalho, entender as transformações práticas ocorridas na mídia em decorrência às transformações que descrevo. Ou ainda o que faz do simples ato de planejar uma viagem, ainda que esta jamais se torne realidade, um canal para o indivíduo se afastar de sua situação cotidiana. Que viagem é essa que se pode fazer sem sair de casa? São temas a serem guardados para uma outra oportunidade e, quem sabe, uma nova pesquisa.

9. BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Identidade; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. O mal-estar da pós-modernidade; tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BORGES, Ana Lúcia. Você é um jetrossexual? O Globo. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2005. Revista Boa Viagem, pp. 18-19.

BOTTON, Alain de. A arte de viajar; tradução Waldéa Barcillos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CAIAFA, Janice. Aventura das cidades. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2007.

CLANCLINI, Nestor García. Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização; tradução Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

DELEUZE, Gilles. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

O Abecedário de Gilles Deleuze, tradução de Bernardo Rieux, 6 de agosto de 2005. Disponível em <<http://www.oestrangeiro.net>>.

DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. Os usos dos bens. In: O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. pp. 101-118.

FREIRE, Ricardo. Viaje na viagem: Auto-ajuda para turistas. São Paulo: Editora Arx, 1998.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

_____. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik.; tradução Adelaide La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HUYSSSEN, Andréas. Memórias do modernismo; tradução Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia; tradução Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo; tradução Contexto Traduções. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

MAALOUF, Amin. Les identités meurtrières. Paris: Editions Grasset & Fasquelle, 1998.

REJOWSKI, Mirian (organizadora). Turismo no percurso do tempo. São Paulo: Aleph, 2002.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal.

SEMPRINI, Andrea. Multiculturalismo. Tradução Laureano Pelegrin. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SLATER, Don. Novos tempos? In: Cultura do consumo e modernidade; tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002. pp. 170-203.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. A globalização e as ciências sociais. 3ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

VILLAÇA, Nízia. Brasil: da identidade à marca. Porto Alegre: Revista Famecos, no 33, agosto de 2007.

INTERNET:

www.abreutur.com.br

www.thomascook.co.uk

www.world-tourism.com

www.oestrangeiro.net

www.virgin-atlantic.com

www.butterfield.com

www.avidaebela.com.br

www.desti-nations.net